

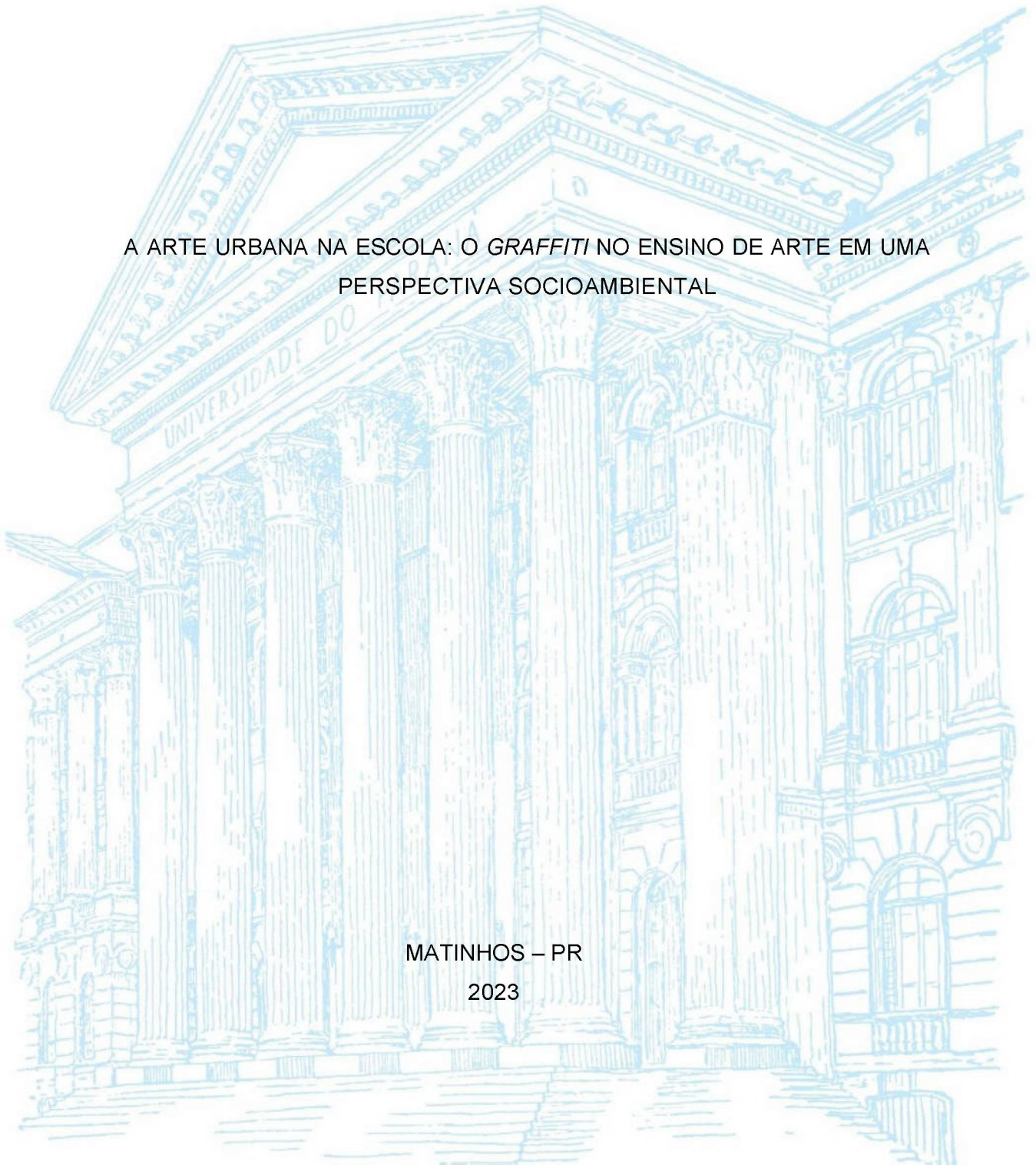
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LEILA DOS SANTOS HASSAN NASCIMENTO

A ARTE URBANA NA ESCOLA: O *GRAFFITI* NO ENSINO DE ARTE EM UMA
PERSPECTIVA SOCIOAMBIENTAL

MATINHOS – PR

2023



LEILA DOS SANTOS HASSAN NASCIMENTO

A ARTE URBANA NA ESCOLA: O *GRAFFITI* NO ENSINO DE ARTE EM UMA
PERSPECTIVA SOCIOAMBIENTAL

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais, Setor Litoral, da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino das Ciências Ambientais.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Elisa de Castro Freitas

MATINHOS - PR

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte
Biblioteca Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral

H353 Nascimento, Leila dos Santos Hassan
A arte urbana na escola: o graffiti no ensino de arte em uma perspectiva socioambiental / Leila dos Santos Hassan Nascimento ; orientadora Ana Elisa de Castro Freitas. – 2023
91 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral, Matinhos/PR, 2023.

1. Arte urbana. 2. Graffiti. 3. Arte (ensino). I. Dissertação (Mestrado) – Mestrado Profissional em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais. II. Título.

CDD – 751.73



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR LITORAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO REDE NACIONAL PARA
ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS - 33002045070P4

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação REDE NACIONAL PARA ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **LEILA DOS SANTOS HASSAN NASCIMENTO** intitulada: **A ARTE URBANA NA ESCOLA: O GRAFFITI NO ENSINO DE ARTE EM UMA PERSPECTIVA SOCIOAMBIENTAL.**, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

MATINHOS, 31 de Maio de 2023.

Assinatura Eletrônica

15/09/2023 09:04:14.0

ANA ELISA DE CASTRO FREITAS

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

13/09/2023 13:44:55.0

ALAOR DE CARVALHO

Avaliador Externo (55002268)

Assinatura Eletrônica

15/09/2023 12:31:56.0

EDUARDO HARDER

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

AGRADECIMENTOS

À Deus, primeiramente, e aos seres iluminados que fluidificam nosso planeta Terra.

À professora Ana Elisa de Castro Freitas, que me auxiliou na orientação dessa dissertação, sensibilizando sobre a importância e a necessidade de, enquanto cidadã e educadora, ser propagadora das “lutas verdes”, podendo ser comparada como um “ser de luz” me iluminando em tempos de escuridão e desesperança governamental. Ao PROFCIAMB - Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais, Setor de Litoral, Universidade Federal do Paraná, pela concessão integral de bolsa de estudos, inserindo a sementinha de consciência sustentável em minha vida acadêmica, como, também, pelos laços de amizade formados no decorrer do curso.

Ao professor Ernesto Jacob Keim, com a seguinte poesia: “Não haverá borboletas se a vida não passar por longas e silenciosas metamorfoses”. Rubens Alves.

Ao geógrafo e professor Alexandro Ramos, mestre no ensino de ciências ambientais que colaborou na confecção do mapa dos Itinerários de Arte Urbana na cidade de Paranaguá-PR.

E ao meu esposo Renato Carlos Nascimento, em especial, ao meu filho Emmanuel Hassan Nascimento que, por diversas vezes, esteve presente me iluminando, literalmente, como um anjo em momentos de precisão, bem como, à toda minha família.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e da Agência Nacional de Águas (ANA).

Muito obrigada!

RESUMO

Essa dissertação reflete sobre a arte urbana – especialmente o *graffiti* – no contexto do ensino de artes. Parte-se da análise das práticas de arte educação desenvolvidas pela autora no ensino de artes na educação básica e propõe-se interfaces com o estudo das ciências ambientais. A pesquisa lança um olhar ao Projeto Paranaguá Mais Cores, desenvolvido no centro histórico da cidade de Paranaguá, litoral do Paraná, buscando interpretar o papel desse projeto para a disseminação da arte urbana nos ambientes da cidade. Seguindo o trajeto da arte urbana no centro de Paranaguá, a pesquisadora, educadora e artista revisita suas práticas de arte educação, buscando incorporar questões ambientais na abordagem da arte na escola. Questões como o território da arte urbana, os processos artísticos, políticas culturais e sujeitos artistas passam a interessar na abordagem das práticas. Com estas reflexões, expande-se a abordagem da arte urbana e do *graffiti* para além de sua perspectiva técnica, para pensar os ambientes da cidade e a própria cidadania. A pesquisa se desafiou a aproximar o ensino de artes do ensino com temas da educação ambiental, buscando ampliar a consciência dos educandos e da educadora frente aos desafios do conhecimento e valorização dos ambientes em que vivem.

Palavras-chave: Arte Educação; *Graffiti*; Projeto Paranaguá Mais Cores; Arte Urbana; Litoral do Paraná.

ABSTRACT

This dissertation reflects on urban art - especially graffiti - making an analysis of the art education practices developed by the author in the teaching of art in basic education and proposing interfaces with the study of environmental sciences. The research approaches the Paranaguá Mais Cores Project seeking to interpret its role in the dissemination of urban art in the environments of the city of Paranaguá, Paraná's coast. In this path, the researcher, educator and artist, reviews her art education practices, seeking to incorporate environmental issues in the approach to art in school. Issues such as the territory of urban art, artistic processes, cultural policies and the subject of artists become of interest in the approach to practices. With these reflections, the approach to urban graffiti art is expanded beyond its technical perspective, to think about the environments of the city and citizenship itself, designing and developing activities related to Environmental Education with students, allowing to expand critical awareness towards the challenges of knowledge and appreciation of the environments in which they live.

Keywords: Art Education; Graffiti; Paranaguá Mais Cores Project; Urban Art; Coast of the state of Paraná.

**“APRENDER É A ÚNICA COISA DE QUE A MENTE NUNCA SE CANSA,
NUNCA TEM MEDO E NUNCA SE ARRENDE.”
LEONARDO DA VINCI**

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1.....	17
FIGURA 2.....	17
FIGURA 3.....	31
FIGURA 4.....	32
FIGURA 5.....	33
FIGURA 6.....	34
FIGURA 7.....	35
FIGURA 8.....	35
FIGURA 9.....	36
FIGURA 10.....	37
FIGURA 11.....	38
FIGURA 12.....	39
FIGURA 13.....	39
FIGURA 14.....	40
FIGURA 15.....	40
FIGURA 16.....	41
FIGURA 17.....	41
FIGURA 18.....	42
FIGURA 19.....	42
FIGURA 20.....	43
FIGURA 21.....	45
FIGURA 22.....	46
FIGURA 23.....	47
FIGURA 24.....	47
FIGURA 25.....	50
FIGURA 26.....	51
FIGURA 27.....	51
FIGURA 28.....	52
FIGURA 29.....	53
FIGURA 30.....	53
FIGURA 31.....	54
FIGURA 32.....	56
FIGURA 33.....	57
FIGURA 34.....	58
FIGURA 35.....	59
FIGURA 36.....	60
FIGURA 37.....	61
FIGURA 38.....	63
FIGURA 39.....	66
FIGURA 40.....	67
FIGURA 41.....	68
FIGURA 42.....	69
FIGURA 43.....	72
FIGURA 44.....	80

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
1.1 Aproximando Questões da Arte e as Questões Ambientais.....	13
1.2 Nas trilhas da arte urbana.....	14
2. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	18
2.1 A arte urbana no ensino de arte na escola.....	23
2.2 Arte urbana e os desafios da Agenda 2030 dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.....	26
3. A DOCÊNCIA EM ARTES: UM OLHAR SOBRE O PERCURSO.....	27
3.1 Arte Urbana nas práticas escolares – pensando o percurso.....	27
Prática I.....	28
Prática II.....	29
Prática III.....	44
4. O PROJETO PARANAGUÁ MAIS CORES E A ARTE URBANA.....	49
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: O emergir da educadora artista pesquisadora e o desafio de refletir sobre as práticas de ensino de artes para acolher questões socioambientais contemporâneas.....	74
6.REFERÊNCIAS.....	81
7. ANEXO – UNIDADE DIDÁTICA.....	84

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação de mestrado resulta de pesquisa focalizando o tema da arte urbana, especialmente o *graffiti*¹, aportando uma reflexão sobre práticas de ensino de arte na educação básica e propondo interfaces com o estudo das ciências ambientais.

O estudo toma em consideração práticas educativas desenvolvidas durante os anos de 2007 a 2015, no contexto do projeto de ensino “O *Graffiti* em Sala de Aula”. Estas práticas ocorreram nas escolas E.E. Profa. Carmem Costa Adriano, E.E. Profa. Helena Viana Sundin e I.E.E. Dr. Caetano Munhoz da Rocha Neto, todas situadas no município de Paranaguá, região Litoral do Paraná.

Neste período meus objetivos se situavam em torno da ideia de trabalhar conceitos e técnicas que integram o conteúdo do ensino de arte através de estudos do *graffiti*. As práticas envolviam os conceitos de tonalidade e cor, profundidade, figura-fundo, sobreposição, escala, forma, volume, textura, plano, ponto, linha, superfície, entre outros, aliados às técnicas do estêncil e do desenho livre aplicado ao muralismo, esta última introduzida em colaboração com estudantes que já tinham a experiência prévia do *graffiti*.

O ingresso no Mestrado Profissional para o Ensino de Ciências Ambientais trouxe o desafio de fazer um cruzamento destas práticas, teorias e técnicas com questões ambientais contemporâneas. De imediato, o tema da cidade e do contexto urbano foram inseridos nas preocupações de pesquisa. A cidade e suas dinâmicas sociais e ambientais estão presentes no território das práticas quando pensamos o *graffiti* como um ramo da arte urbana que eleger a cidade como tela e território de sua expressão.

Nesse contexto, e na medida em que fui desenhando meu objeto e tema de investigação juntamente com minha orientadora, foi-se ampliando o horizonte destas práticas a partir dos aportes de pesquisa. Esta pesquisa está vinculada ao projeto “Itinerários de arte pública: pesquisa e registro em comunidades de práticas”, coordenado pela orientadora, Profa Dra. Ana Elisa de Castro Freitas, e vinculado ao curso de Licenciatura em Artes e ao Mestrado Profissional para o Ensino de Ciências

¹ Adotou-se nesse trabalho a grafia *graffiti* conforme a fonte: <https://portuguesalettra.com/duvidas/grafito-grafite-ou-graffiti/>

Ambientais do Setor Litoral da UFPR, sendo desenvolvido no Laboratório de Interculturalidade e Diversidade desse mesmo Setor.

No contexto da pesquisa, orientada pelo recorte da Arte Ambiental, se tornou relevante conhecer mais sobre os sujeitos-artistas que vivenciam a arte urbana e praticam o *graffiti* e sobre os ambientes nos quais essa arte habita. Quem são esses sujeitos? Em quais espaços e ambientes urbanos eles atuam? Que questões estão presentes no cotidiano da sua arte? Como tais questões podem ser problematizadas em práticas de ensino de modo a qualificar a abordagem do *graffiti* em sala de aula, aproximando as questões do ensino de arte com questões ambientais? Eram algumas das inquietações.

A metodologia de pesquisa envolveu o esforço de revisitar criticamente as práticas de ensino, buscando dialogar com essas práticas com os estudos do mestrado. Também busquei conhecer melhor o universo do *graffiti* e da arte urbana no contexto das políticas culturais na cidade em que habito e leciono. A pesquisa incluiu o estudo do projeto Paranaguá Mais Cores, desenvolvido na cidade de Paranaguá. Este projeto envolveu grafiteiros, artistas urbanos que atuam no cenário da arte do litoral paranaense, resultando em um conjunto de murais, um circuito de arte urbana localizado no centro histórico da cidade.

No decorrer da pesquisa, as práticas de arte educação focalizando o *graffiti* foram intensificadas com uma abordagem mais ampliada, interdisciplinar e complexa (MORIN, 2004). Arte e ciências ambientais aproximam-se na perspectiva socioambiental emergente do estudo de caso do *graffiti* no projeto Paranaguá Mais Cores e na cidade de Paranaguá.

A cidade como espaço público, as questões territoriais vivenciadas por diferentes sujeitos (no caso artistas urbanos) nesse território, a cidadania urbana vivenciada em uma arte cuja galeria se dá a céu aberto, nas ruas e nos itinerários de vida de trabalhadores, estudantes, turistas, cidadãos em geral, se tornaram muito interessantes ao projeto.

A dimensão política da arte urbana também se mostrou interessante, na medida em que diversos temas sociais e ambientais aparecem nos murais e *graffitis* de artistas com os quais interagi durante a pesquisa. A realidade dos pescadores, dos povos indígenas, dos manguezais, da fauna e flora que integram os ecossistemas do mundo caiçara e seu atravessamento por projetos de desenvolvimento e seu impacto

são temas recorrentes em diversas obras e podem ser problematizados em sala de aula cruzando arte e questão ambiental.

Durante a pandemia de COVID-19, as práticas de ensino na escola foram desafiadas a incorporar metodologias e tecnologias virtuais adaptando as aulas para ambientes remotos. Buscando dialogar com essa realidade, foram exploradas as possibilidades de desenvolver práticas educativas no formato de Roda de Conversa virtual, propiciando um diálogo de saberes entre estudantes, artistas urbanos convidados, arte educadoras. O planejamento desse conjunto de práticas e as estratégias pedagógicas planejadas são analisados e integram os resultados da pesquisa.

1.1 Aproximando Questões da Arte e as Questões Ambientais

A problemática da pesquisa parte da hipótese de que a Arte está imersa no cotidiano das crianças e nos ambientes em que elas habitam. O reconhecimento da arte nessa perspectiva é uma tarefa atenta à escala do cotidiano dos educandos, aos espaços, dinâmicas e expressões artísticas neles presentes. No âmbito do estudo da arte urbana, o olhar focalizou a cidade de Paranaguá, uma das mais antigas do sul do Brasil, e a experiência dos estudantes em sua vida cotidiana. A partir das experiências estéticas dos educandos é que as questões ambientais foram sendo problematizadas, propiciando aos alunos novas descobertas.

Sobre esse viés, como professora de Arte, as práticas abordam o conhecimento da Arte ao lado da prática com linguagens artísticas e abordagens metodológicas com ênfase na apreciação e criação, contextualizando a obra na perspectiva de seus sentidos, estimulando a capacidade crítica dos alunos.

Os estudos no Mestrado Profissional para o Ensino de Ciências Ambientais possibilitaram agregar às práticas de arte na escola questões ambientais, ampliando seus objetivos e estabelecendo, dessa forma, conexões articuladas entre as manifestações culturais de tempos e espaços diversos, viabilizando a construção de um conhecimento histórico, social e político da Arte, inserindo-os nos costumes, territórios e nos valores que as constituem.

Um outro desafio permanente na educação é produzir mediações entre sujeitos e o mundo, propondo questões contemporâneas que dialoguem com seu desenvolvimento cognitivo. Inspiradas na perspectiva de Arte Educação de Ana Mae

Barbosa (2009), seguimos sua Proposta Triangular sugerindo a vivência como forma de ensino e aprendizagem da Arte, chamando a atenção a seus três pilares: ler a obra de arte, contextualizar e produzir, desenvolvendo a percepção, a imaginação, a observação e o raciocínio.

Quando este processo está atento aos ambientes de vida em que os sujeitos e os processos criativos se desenrolam, a dimensão ambiental da arte passa a fazer sentido. No contexto da arte urbana, estes ambientes se desdobram no espaço da cidade: as ruas, os becos, os bairros, os muros onde as obras de arte urbana são instaladas e desinstaladas. Em se tratando de práticas coletivas, vislumbra-se que essas ações se encontram sujeitas ao tempo de permanência na urbe e influências externas, caracterizando, dessa forma, como efêmeras.

Assim sendo, coletivos artísticos se deparam com a necessidade do registro das obras de arte urbana como etapa considerável no decorrer dos trabalhos, recorrendo a diversas plataformas para o registro de suas obras, tais como: vídeo, fotografia, pintura em tela, entre outras. Cada grupo desenvolve táticas com o intuito das ações e obras durarem para além do momento em que estão presentes na rua, ressaltando detalhes da poética dos coletivos, contando com a colaboração de outras parcerias além do coletivo para a efetivação das propostas apresentadas.

Frente a potência desse movimento, observa-se uma aproximação da arte urbana com diversas instituições do sistema arte e outros espaços públicos e privados, tendência que se faz presente nas experiências cotidianas das cidades.

1.2 Nas trilhas da arte urbana

Arte Urbana, também conhecida como Arte de Rua e *Street Art*, encontrada nos centros urbanos com intervenções, performances, *grafitti*, etc., são trabalhos pautados em críticas sociais, política, econômica abarcando uma crítica ao próprio sistema da arte. Tem como exemplos dessa arte o *graffiti*, o estêncil, os poemas, os autocolantes ou colagem, os cartazes, as apresentações, danças (*hip-hop*) e as instalações (CASTLEMAN, 1982). Deste modo, os estudos de arte urbana possibilitam focalizar o encontro entre arte e seu contexto social, ou seja, a vida de fato representada por manifestações artísticas coletivamente.

Há diversas classificações e categorizações do universo da arte urbana, com relação às artes visuais, Castleman (1982) propõe uma tipologia dividida em:

- Grafite: considerado a manifestação mais popular da arte urbana. Frases e desenhos geralmente feitos com *sprays* cobrem paredes de casas, edifícios, túneis e ruas. Com o passar do tempo, a arte urbana feita em *graffiti* foi evoluindo e hoje é possível encontrar obras em 3D e que interagem com a natureza local.
- Estêncil: arte muito semelhante ao grafite. Essa manifestação artística usa papel recortado como molde e o *spray* para fixar frases e desenhos;
- Estátuas vivas: os artistas se apresentam ao público pintados e caracterizados como forma de entretenimento turístico;
- Apresentações individuais ou em grupo: essas apresentações podem ter caráter teatral, musical ou circense;
- Etiquetas adesivas: também conhecida como *sticker art*, essa arte vem da forma de expressão de colar adesivos com mensagens ou imagens em espaços públicos;
- Cartazes: modelo de intervenção urbana onde cartazes são fixados pela cidade;
- Manifestações literárias: uso de poemas expressos nos bancos, postes, paredes, etc;
- Esculturas ou demais instalações: objeto ou material criado para provocar uma reflexão no público passante e uma mudança no cenário local.
-

Nos Estados Unidos, nos anos finais da década de 1960, o país se encontrava em uma desordem socioeconômica tendo diversos índices migratórios internos, mais especificamente da população ruralista para os grandes centros urbanos, acontecendo um contraste com a população negra americana existente, o que acabou por originar diversos tipos de guetos, oriundos da marginalização social (DIEGO, 1997.)

O desenvolvimento do *graffiti* naquela década, teve como seus epicentros Philadelphia e Nova Iorque, cuja arte urbana contemporânea se proliferava em obras de tinta *spray*, irradiando por todas as regiões vizinhas (SILVA-E-SILVA, 2014.)

Em paralelo, no Brasil, na década de 1970, o cenário político do regime militar envolveu manifestações artísticas em que a arte urbana ingressou nas ruas com mensagens de insatisfação frente à ditadura militar, à censura, à perda das liberdades sociais e políticas, entre outros dilemas daquele período. Essas obras dialogavam com um movimento que se estendia em outros contextos ditatoriais na América Latina,

no movimento do muralismo, em países como México e Chile (SANTOS, 2023). Outras dessas obras tinham inspiração na estética do movimento Pop Art, originalmente iniciado na Inglaterra e Estados Unidos, mas que introduziu de forma popular o convite à arte, através de apropriações repetidas de figuras da cultura *pop* (ARGAN, 1992).

Com isso, é importante ressaltar que, ao longo da história, manifestações de arte nos ambientes de vida sempre se fizeram presentes. É possível recuar ao contexto da arte rupestre a pulsão humana em expressar, por meio do traço impresso em seus ambientes de vida, as questões importantes para uma sociedade a cada tempo (FREITAS, 2018). A arte rupestre é um dos exemplos mais antigos de expressão e registro artístico humano em paredes, tal como propõe Laemmermann (2012), quando afirma que as primeiras formas do *graffiti* são datadas de, ao menos 30.000 A.C. Denominadas pictogramas, as técnicas empregadas nas obras de arte rupestre se utilizavam de ferramentas disponíveis no cotidiano, tais como ossos de animais e pigmentos, revelando uma ciência artística desenvolvida nesse período.

No contexto da arte urbana contemporânea, é importante destacar alguns dos grafiteiros talentosos cuja obra angariou reconhecimento colaborando para a legitimidade dessa modalidade de arte, em diversas cidades do mundo, em escala global: Eduardo Kobra, Os Gêmeos, Binho Ribeiro, Crânio, Anarkia Boladona (Panmela Castro), Nunca, Alex Hornest, Nina Pandolfo, Zezão, Nick Alive, Mari Pavanelli, Tinho, Paulo Ito e Diego Mouro.

A seguir, trago algumas imagens de obras em *graffiti* em diferentes contextos urbanos:

Figura 1: Natureza e arte urbana fundidas – criada pela artista Vinie (Vinie Graffiti),



Fonte: <http://somosverdes.com.br/wp-content/uploads/2016/07/Vinie-Graffiti-Bush-001.jpg>

Figura 2: Arte urbana: grandioso mural criado pela artista Natalia Rak.



Fonte: https://imagens-revista-pro.vivadecora.com.br/uploads/2021/03/Arte-urbana_grandioso-mural-criado-pela-artista-Natalia-Rak.jpeg

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Quando o tema abordado é a “leitura” nas aulas de Artes, na maioria das vezes, restringe-se o termo para a chamada leitura visual, que costuma ser aplicada com uma imagem de obra apresentada aos alunos, num diálogo intermediado pela arte educadora.

Se pensarmos a grafiteagem como uma forma de manifestação artística que pode abarcar o intuito de disseminar um conjunto de ideias, o *graffiti* poderá ser um forte instrumento pedagógico intervindo diretamente nas esferas culturais e artísticas dos discentes, dialogando com eles os rumos dessa arte, que sempre teve vocação marginal, mas que agora passa a fazer parte do universo da arte surpreendendo com suas potencialidades criativas e técnicas.

Para Piaget (1970), “O principal objetivo da educação é criar homens (SIC.) que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que as outras gerações fizeram”. No momento em que a escola se apropria do *graffiti* e de outras intervenções urbanas como conteúdo em sala de aula, cabe a ela instrumentalizar os alunos para que esses possam romper a barreira da opinião pessoal, orientada exclusivamente por conceitos previamente estabelecidos.

Situando o debate para entender a arte urbana em seu contexto de espaço social, evocamos Milton Santos, em seu livro “O espaço do Cidadão” (2007), quando aborda questões a respeito dos valores atinentes à cidadania e ao meio ambiente, este não sendo limitado ao natural, mas também coexistindo com o meio ambiente artificial, de trabalho e sociocultural. Nessa perspectiva, o entendimento do *graffiti* se amplia, para pensá-lo como instrumento social artístico no cotidiano escolar, superando múltiplas formas de exclusão, respeito e conscientização socioambiental e cultural.

Essa perspectiva do ato de gravar imagens nas superfícies do território social é muito antiga. Nos registros de arte rupestre que foram sistematizados e disponibilizados de povos em diferentes regiões do planeta, as manifestações expressam através de simbologias em muros de cavernas o cotidiano e ambiente em que tais povos viveram e que até a atualidade permanecem registrados. Na contemporaneidade, essas técnicas permanecem enraizadas como forma de

expressividade através de novos mecanismos e com uma diversidade de concepções ideológicas distintas que se coexistem, podendo ser manifestadas criticamente, resultando em criações artísticas, de cunho político ou não.

A arte pública tem o potencial de explicitar determinadas realidades opressoras que incomodam aqueles que são considerados detentores de poder arbitrário. A rebeldia atua como elemento essencial para que os holofotes sejam direcionados às suas reivindicações, diante de seus protestos. Quando a arte ocupa o espaço público, o Estado é desafiado a estabelecer outros mecanismos de exercício do poder regulador, capazes de disciplinar as manifestações. Um repertório normativo versa sobre esse disciplinamento, merecendo estudos específicos sobre o tema, os quais não são objetos desta pesquisa. Processos de legitimação da arte dialogam muitas vezes com as sanções estatais ou sociais, colocando em cena o fio que divide “o que é” do que “não é” Arte. Estigma, reconhecimento e preconceito fazem parte desse jogo social cujo palco são os muros, a rua.

A problematização crítica do tema foi balanceada no âmbito das metodologias educacionais de ensino-aprendizagem, embasadas na Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa, referência do ensino da arte no Brasil. Esta proposta inclui a leitura da imagem, a contextualização e prática artística, para que os educandos possam transpassar por todos os processos criativos, a percepção do conteúdo proposto, ou seja, a análise, interpretação de forma crítica e o fazer artístico.

Para ela:

A metodologia de análise deve ser escolha do professor e do fruidor, o importante é que as obras de arte sejam analisadas para que se aprenda a ler a imagem e avaliá-la; esta leitura é enriquecida pela informação acerca do contexto histórico, social, antropológico. (BARBOSA, 2009, p.39).

Vale ressaltar que quando remetemos à essência natural da arte, evocamos diretamente a arte nos processos reflexivos, em diálogo com as questões políticas, refletindo em um determinado contexto social. John Dewey acompanhava este viés, propondo que o senso comum incorporasse seus conceitos por meio de desenvolvimento do raciocínio indutivo. Defensor da educação escolar fundada na resolução de problemas reais, Dewey estabelece uma perspectiva da arte como instrumento de modificação social, da condição humana (DEWEY, 2008, p. 126).

Indo ao encontro à proposição poética de Dewey, Robert Smithson (2006), artista americano da *land art*, contextualiza a obra de arte na paisagem, transpondo a escala para abarcar o território. Grandes instalações, no contorno de terra que se mescla com montanhas ou baías, possibilita vivenciar processos de criação surpreendentes, desafiando os educandos com potencialidades extraordinárias, através da construção e desconstrução de paradigma internalizados na escala de arte museal, por exemplo.

Os estudos reconhecem diversas propostas artísticas que atuam na modelagem do espaço público, possibilitando aplicar essa remodelação e seus desafios ao espaço escolar. A importância do valor material e imaterial da arte realizada, bem como os meios de observação reflexiva e criativa, contribuirão para a aproximação desta arte contemporânea com o público no sentido de que:

O que encontramos atualmente no domínio da arte seria muito mais uma mistura de diversos elementos; os valores da arte moderna e os da arte que nós chamamos de contemporânea, sem estarem em conflito aberto, estão lado a lado, trocam suas fórmulas, constituindo então, dispositivos complexos, instáveis, maleáveis, sempre em transformação. (CAUQUELIN, 2005, p.127).

Trata-se de trazer a arte para o chão da escola, não como uma mera possibilidade de experiência técnica, mas como experiência reflexiva, política, criativa, cidadã. A questão da discriminação social e conseqüente exclusão desse meio, influencia os educandos a produzir outras tendências que valorizem seu próprio ambiente de convívio, superando frustrações e punições com criatividade e inovação. Claire Bishop (2008), em "*They shoot horses*," joga com as convenções da benevolente prática socialmente colaborativa (cria uma nova narrativa para seus participantes e reforça o vínculo social) mas as combina com convenções visuais e conceituais, em paralelo, fazendo com que os alunos transformem e deem um novo significado a esse ambiente.

No âmbito dos estudos ambientais, Carlos Porto Gonçalves (1989) propõe, na obra “Os (des)caminhos do Meio Ambiente”, que a relação humano natureza deve ser considerada à luz da teoria da complexidade, abarcando as dimensões socioambiental e cultural sob novas condições ecológicas. Em paralelo, Philippe Pompier Layargues (2004) em “Identidades da Educação Ambiental Brasileira”, traz a premissa de modo crítico e holístico as questões socioambientais brasileiras, portanto, o *graffiti* pode reafirmar as pretensões almejadas por meio do ensino e aprendizagem, de forma indutiva e reflexiva.

No contexto dos estudos de arte urbana, a dimensão ambiental está presente quando voltamos o olhar para o contexto de instalação da obra e as questões que envolvem as desigualdades de acesso à cidade, os territórios dos sujeitos e obras e as questões presentes nessas obras.

Nessa perspectiva, interessou conhecer os projetos que fomentam a arte urbana, e de certa forma ampliam a zona de influência das obras. A arte urbana na perspectiva dos projetos sociais e ambientais, por exemplo, é abordado no Projeto Arte/Cidade (BRISSAC, 2006).

Nelson Brissac (2006) faz um balanço do projeto Arte/Cidade, desenvolvido na cidade de São Paulo, remetendo ao amplo território da megacidade da capital paulista com o poder artístico que representa os processos de globalização e suas interações socioeconômicas e políticas, se contrapondo à apropriação corporativa dos espaços urbanos e de práticas artísticas.

Transpondo questões apontadas por Brissac (2006) no projeto Arte/Cidade, buscou-se compreender desdobramentos da arte urbana no contexto do Projeto Paranaguá Mais Cores, desenvolvido no litoral do Paraná. Era intenção compreender o alcance das políticas culturais e sua interface com a arte urbana, conhecer os desafios da arte urbana no território de Paranaguá e identificar questões ambientais nas obras de *graffiti* e essa questão foi problematizada através de entrevistas com integrantes do projeto Paranaguá Mais Cores e pesquisa de campo, mas sobretudo provocar as próprias práticas de arte na escola com abordagens mais complexas.

A pesquisa também realizou um levantamento dos estudos desenvolvidos sobre arte urbana por graduandos do curso de Licenciatura em Artes no Setor Litoral da UFPR (SANTOS, 2023; MARTINS, 2021; SCREMIN, 2019).

Tomás Martins (2021) desenvolveu Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Artes intitulado “Relato de experiência: Arte Urbana como ferramenta proporcionadora de vivências compartilhadas”. Nesse estudo, o autor levanta questionamentos sobre os sentidos sociais relacionados a Arte Urbana, no local onde as pessoas vivem, provocando reflexões que induziram ao experimento do *graffiti* especificamente pescadores na cidade de Matinhos, litoral do Paraná. A pesquisa de Martins (2021) envolveu um conjunto de intervenções aplicando a técnica de mural, cuja ferramenta social estava intrínseca a memória narrada. Por sua vez Amanda Alice Scremin (2019) fez um mapeamento do Rap no litoral do Paraná. Esta autora propõe em sua pesquisa de monografia de graduação OCUPARAP, a apresentação de um documentário na categoria de curta metragem, com relatos dos MC’s do litoral do Paraná e suas manifestações artísticas.

Tais narrativas retratam todo o processo de criação e seus respectivos espaços, abordando as dificuldades e desafios da cultura *Rap*, considerada, também, como manifestação artística de arte urbana e de resistência.

Nicolli Bremer dos Santos (2023) se debruça sobre o muralismo político, estudando especialmente o movimento de muralismo chileno no contexto ditatorial e o papel do *graffiti* e dos murais para veicular palavras de ordem e de luta, na resistência ao regime opressor.

Buscando aproximar as questões do ensino de arte com as questões ambientais contemporâneas, foram considerados os ODS - Objetivos do Desenvolvimento Sustentável 2030¹. A cidadania ambiental, nessa perspectiva, passa pelo desafio de uma formação cidadã sensível, e é com o despertar da sensibilidade que se pode colaborar, no ensino de artes, com a sensibilização ambiental – que é uma meta da educação ambiental.

É a partir da articulação desse conjunto de metodologias que as práticas desenvolvidas em aulas de artes na escola pública foram revisitadas, problematizadas e ampliadas, alargando seu horizonte com questões ambientais contemporâneas.

É importante ressaltar que, no grupo de pesquisa Sala de Estudos, vinculado ao Laboratório de Interculturalidade e Diversidade (LaiD) do Setor Litoral da UFPR, outras pesquisas vêm sendo desenvolvidas no âmbito dos desafios da Arte Educação Ambiental (HOLZ, 2020). Nesse mesmo percurso, a presente pesquisa assumiu o

████████████████████

¹ ONU. Agenda 2030 – **Objetivos do Desenvolvimento Sustentável**. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>

desafio de dialogar com esse conjunto de estudos e aportar seus fundamentos para pensar as práticas e revê-las numa perspectiva ampliada.

2.1 A arte urbana no ensino de arte na escola

No currículo do ensino de arte na escola, a Arte Urbana ingressa como um conteúdo dentro da arte contemporânea e possibilita uma discussão que questiona a elitização da arte (afirmada nos museus, galerias) repensando a arte que está nas ruas, no corpo da cidade, nos territórios sociais, acessível ao espaço público. Nesse contexto, o *graffiti* se apresenta com a possibilidade de traçar itinerários, percursos na cidade que reflitam sobre a arte presente no cotidiano, ou seja, uma arte cujo ambiente é o espaço público, as ruas, e está acessível aos cidadãos. A arte urbana integra uma plataforma política de arte, questionando a elitização da arte e discutindo sua importância em contextos sociais periféricos.

No litoral do Paraná a arte urbana integra várias manifestações, elaboradas por coletivos de artistas que atuam nas cidades. Alguns estudos na graduação da licenciatura em artes do Setor Litoral da UFPR têm se debruçado sobre o *graffiti* (MARTINS, 2021) ou *rap* e *hip-hop* (SCREMIN, 2019).

Nas minhas práticas em arte educação, o estudo de arte urbana tem feito parte de um conjunto de abordagens desde 2007. A partir dos estudos mais aprofundados da plataforma ambiental e política da Arte Urbana, busquei uma articulação das minhas práticas com questões ambientais que envolvem a cidadania urbana, o acesso à cidade, os territórios sociais, os circuitos de turismo que articula arte e meio ambiente.

Na intenção de conhecer mais esta relação, como pesquisadora, me debrucei sobre o projeto Paranaguá Mais Cores. É um projeto de Arte Urbana – *Graffiti* - idealizado por Giovanni Negromonte, advogado e articulador cultural, e por João Ricardo Guimarães Gonçalves, funcionário público, responsável pela Casa Cultural Prelúdio. Teve início em 2019 e surgiu da necessidade de dar mais vida para a cidade de Paranaguá através da ressignificação e revitalização de locais que estão abandonados pelo tempo. O grupo conta com aproximadamente dez artistas da cidade de Paranaguá e região.

Lançando um olhar ao Projeto Paranaguá Mais Cores, levantei os seguintes

questionamentos: os locais onde houve intervenção do *graffiti* na cidade de Paranaguá foram pré-estabelecidos? Quais foram as determinantes para essa escolha?

Para respondê-las, realizei entrevistas com os produtores e artistas João Ricardo Guimarães Gonçalves e Giovanni Negromonte.

João Ricardo Guimarães Gonçalves é Produtor Cultural, Gestor da Casa Prelúdio, Coordenador do Projeto Paranaguá Mais Cores e Coordenador da Feira do Escambo. Segundo ele, os artistas que participaram do projeto realizaram uma pesquisa nas ruas elegendo os locais para a instalação das obras de arte urbana tomando em consideração, nessa escolha, a revitalização dos espaços urbanos. Após, buscaram autorização dos proprietários dos muros para a confecção dos murais. Dez obras de arte urbana foram realizadas no contexto do Projeto Paranaguá Mais Cores, concentradas em três locais da cidade: Rua XV de Novembro, próximo ao Teatro Rachel Costa; na Rua Maneco Viana e Praça da Paz. João Ricardo destacou que o projeto almeja que a cidade de Paranaguá seja um ponto reconhecido na rota do *graffiti* nacional e internacional, similar ao que ocorre em diversos locais do mundo como, por exemplo, Nova York, Melbourne, São Paulo, Val Paraíso e outros.

João Ricardo relatou que, na Casa Cultural Prelúdio, onde atuou como gestor entre 2017 e 2020, sempre organizavam oficinas e treinamentos para as pessoas aprenderem técnicas de estêncil, manuseio de *spray* e pinceis. Também convidavam diversos artistas para fazer arte nos muros do espaço durante os eventos (as artes eram feitas ao vivo para as pessoas presentes acompanharem e observarem um pouco do processo de realização de um *graffiti* ou um mural). Nesse processo estavam em contato frequente com outro espaço cultural, o CRABE. Uniram forças, ele e o Giovanni (gestor da CRABE) para começarem o que seria hoje o projeto Paranaguá Mais Cores. No início, pediam doações de tintas que posteriormente seriam usadas para revitalizar espaços abandonados e deteriorados, bem como muros autorizados pelos proprietários.

O projeto teve o apoio do comércio local: a loja Cirlene Tintas proporcionou os materiais básicos como pinceis, *sprays* e tintas. Algumas lanchonetes e restaurantes apoiaram com o custeio de lanches, bebidas e refeições para os artistas. Posteriormente o projeto foi aprovado no Edital Profice – sendo habilitado para captar recursos no Estado do Paraná.

O segundo interlocutor dessa pesquisa foi Giovanni Negromonte (1992),

natural do Recife - PE, radicado em Paranaguá - PR, atua como Advogado, sendo também

Artista pela marca multicultural CRABE e Ativista pelo projeto Paranaguá Mais Cores; é diretor criativo da marca multicultural CRABE que realiza atividades no setor da cultura, fomentando produções locais que valorizem a cultura caiçara de Paranaguá. Durante o ano de 2018 a marca atuou como casa cultural (na Rua Pêssego Júnior, 30, Centro Histórico, Paranaguá-PR.), realizando diversos eventos artístico culturais. Participou da realização do Projeto Paranaguá Mais Cores como idealizador, coordenador e artista, realizando desde a função de organização e articulação com artistas locais e a execução de arte nos muros da cidade de Paranaguá.

Idealizador do projeto Desabandonar, cujas obras protestam contra o descaso e abandono do Poder Público em face do patrimônio histórico da cidade de Paranaguá. Sendo um dos artistas do projeto Paranaguá Mais Cores, relata, ainda: “Nas primeiras concepções queríamos montar uma rota turística no centro, algo que deve ser feito, mas no decorrer vimos que é mais importante levar o projeto para onde não chega à cultura nos bairros, descentralizando a arte e levando a cultura para as margens, para público onde não há praças, parque, cinema, teatro, música, para valorização da cultura local”.

Na pesquisa também foi realizada entrevista com a Superintendente de Fomento e Incentivo à Cultura da SECULTUR – Secretaria de Cultura e Turismo de Paranaguá-PR, Sra. Maria Plahtyn. Na entrevista, a Superintendente informou que não houve fomento da prefeitura municipal ao Projeto Paranaguá Mais Cores. Afirmou que o poder público não patrocina financeiramente nenhum projeto, que a tramitação de recursos na esfera governamental é burocrática, mas que o poder público se dispõe ao suporte logístico a essas ações. Essa entrevista permitiu reconhecer uma fragilidade nas políticas de incentivo à cultura em Paranaguá.

Durante a pesquisa foi possível observar a importância de qualificar as políticas culturais na região, seja através de editais que possibilitem a descentralização de recursos para o apoio a projetos em diferentes linguagens e expressões artísticas, seja para a produção de eventos, obras, e projetos dos artistas - o que não ocorreu com o projeto Paranaguá Mais Cores.

2.2 A Arte Urbana e os desafios da Agenda 2030 dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

Para refletir sobre a temática dessa pesquisa no contexto das práticas em arte educação que venho desenvolvendo na escola, o desafio foi estabelecer um cruzamento entre as práticas educativas em artes com atividades que envolvessem a educação ambiental.

Elegendo a estratégia de estudar o *graffiti* no contexto do Projeto Paranaguá Mais Cores em Paranaguá, na cidade de Paranaguá, optamos por traçar um circuito que permitisse localizar no mapa da cidade obras de arte urbana fomentadas por esse projeto.

Inicialmente fizemos um mapeamento do circuito de arte urbana criado pelo Paranaguá Mais Cores, identificando obras, artistas e temas ambientais veiculados nas obras de arte. Interessou também conhecer os ambientes urbanos onde essas obras estão assentadas. Por exemplo, muitas obras se localizam das margens do Rio Itiberê, ou próximas ao mangue, sendo possível, por exemplo, mapear árvores da Mata Atlântica que se distribuem ao longo do circuito de arte e traçar mapas mentais desses circuitos.

A partir das experiências dos estudantes, de suas vivências na cidade, a proposta incluiu a elaboração de autobiogeografias dos participantes, situando sua relação com os ambientes da cidade a partir de suas memórias da Arte Urbana, onde foram surgindo, de forma solta, os mapas mentais com elementos afetivos.

Ao introduzir um viés ambiental nas práticas em arte, tais práticas passam a abordar questões de vários campos do conhecimento, transcendendo a área da Arte e promovendo uma chave de leitura ambiental, ou seja, compreendendo a dimensão ambiental da prática e promovendo uma reflexão ambiental.

Frente a esse desafio, a pesquisa buscou lançar mão de metodologias dos mapas mentais conectando com estudos da Arte Urbana. A proposta de autobiogeografias ou poéticas de localização (RODRIGUES, 2017), também foi inspiradora, por promover potenciais deslocamentos no ponto de vista dos sujeitos envolvidos.

Nessa direção, a intenção foi avançar nos estudos do *graffiti* aplicado às práticas de arte educação na escola, considerando que há poucos estudos desenvolvidos por professores e professoras de artes buscando articular suas práticas com questões ambientais contemporâneas.

Tendo em vista os desafios ambientais do mundo em que vivemos, traduzidos, por exemplo, na Agenda das Nações Unidas e dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) 2030, nos perguntamos como tais questões podem ser articuladas com os estudos e práticas em Arte?

A partir de um estudo dos ODS 2030, foi possível tratar, por meio das obras de arte urbana, temas como a desigualdade social, as cidades sustentáveis, a vida na água e na terra, entre outros, e pensar como isso se reflete no acesso ao pensamento crítico, e como a arte pode ser aliada de uma mudança de comportamento para os desafios de atitudes da juventude num mundo tão desigual e afetado por problemas ambientais contemporâneos.

Muitos jovens andam em sua cidade sem perceber os rios, as águas, o solo, as árvores. Nessa mesma cidade há arte espalhada nos muros, e como podemos juntar esses dois circuitos e trabalhar com essa juventude questões que falam da cidadania urbana articulando questões artísticas e ambientais?

Essas questões estão na base da pesquisa e se justificam à luz dos desafios dos ODS 2030, e buscam uma abordagem interdisciplinar da arte, com as ciências ambientais, por meio do *graffiti*.

As poéticas de localização propostas pela professora Manoela dos Anjos Rodrigues (2017) se articulam com as propostas de arte educação triangular de Ana Mae Barbosa (2009), buscando rever as práticas de arte associando com abordagens ambientais. Nesse sentido, a pesquisa buscou provocar os professores a refletir suas práticas educativas na educação básica na escola, no campo da arte educação, articulada à educação ambiental.

3 A DOCÊNCIA EM ARTES: UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS

3.1 Arte Urbana nas práticas escolares – pensando o percurso:

Neste tópico descrevo as práticas de arte educação desenvolvidas entre os anos de 2007 a 2015 nas escolas estaduais em que atuei como professora no ensino fundamental e médio, para então poder analisar as possibilidades de sua revisão e ampliação a partir de questões ambientais.

Prática I

Esta prática foi desenvolvida em sala de aula. A aula iniciou-se com o apoio de equipamentos audiovisuais, onde foram apresentados os processos de aplicação da técnica de *stencil art graffiti*. Após visualização, os alunos foram convidados a elaborar o esboço de imagem pretendida para aplicação. Ainda, foram orientados a observar a formação de figura e fundo na referida imagem para posterior retirada, tendo como ferramenta um estilete sob uma superfície de vidro como apoio (com alunos do Ensino Médio), ou, tesoura (com alunos do Ensino Fundamental), do elemento visual que deseja ser transferido para criação do *graffiti*. Para tanto, foi utilizado tinta *spray* para aplicação e conclusão da técnica num espaço pré-estabelecido. Distintamente, no ensino fundamental, a aplicação teve como ferramenta rolos com tinta líquida a base d'água. Atente-se para o detalhe da distinção/aplicação de materiais quando a técnica for realizada com alunos de seriação diferenciada.

Foi oportunizado aos alunos textos teorizando, seguido de explanação, sobre as diversas ramificações do *graffiti*, mais especificamente da primeira modalidade, o *stencil art graffiti*, abordando sobre a técnica e materiais reutilizados nas composições visuais pretendidas, incluindo o estudo de códigos de postura e legislação.

A aplicação em sala de aula com a técnica de *stencil art graffiti*, que consiste na construção de matrizes (moldes) para que o desenho seja projetado, facilitou a rápida execução ou disseminação do desenho ou marca desejada, proporcionando, de modo igualitário a produção tanto dos estudantes com conhecimento prévio no desenho, como daqueles que não o tinham. Outrossim, com o intuito de dar continuidade a esta modalidade, pretendeu-se desenvolvê-la de modo mais complexo e abrangente com este projeto.

No âmbito educacional se faz a busca dessa interação de ensino e aprendizagem, de via de mão dupla, onde o professor e aluno interagem de forma orgânica, intrinsecamente o sentimento de catarse com a arte.

Por seu turno, o objetivo real deste projeto além de oferecer o ensino de conceitos básicos de arte e suas técnicas em diversas plataformas, foi a experiência prática em si, pois é por meio da comunicação com a criação da arte que se a vive, trazendo seu diferencial em eternizar pensamentos, ensejos, estimulando seu senso crítico e despertando as vertentes criativas dos alunos.

Atuando como Professora de Arte na Educação Básica na rede pública estadual durante quinze anos e, inclusive, sendo a única professora de arte concursada na rede pública municipal de Paranaguá-PR., desde 2014, ao observar a postura dos alunos no que tange à preservação do espaço escolar, levantou-se a problematização da depredação desse ambiente com manifestações de pichação.

Como professora de Arte, faço *graffiti* e praticava somente dentro dos muros da escola. Atualmente, como pesquisadora, comecei a pensar qual o papel desse *graffiti* também no ambiente da cidade e de que modo posso estender essas informações sobre o *graffiti* para além da técnica (figura e fundo, sobreposição, profundidade, cor...) trabalhando nas aulas de Arte com meus alunos. Qual é o lugar do *graffiti* na Arte Urbana contemporânea? Quem são esses grafiteiros? Quem são esses sujeitos? Como eles produzem? Quais são os circuitos dos *graffitis*?

Em decorrência dessas questões é que escolhi trabalhar com o projeto Paranaguá Mais Cores. O fato de ser professora de Arte, também em Paranaguá, fez com que eu decidisse eleger alguns artistas que faz parte desse projeto e trabalhar com a curadoria dessas obras.

O *graffiti* envolve um conjunto de artistas, dessa forma, conhecer e visitar as obras é uma prática viável, inclusive, convidando algum deles para uma roda de conversa na escola onde poderão tecer comentários a respeito da realização delas, com práticas educativas. Num primeiro momento faço a apresentação do artista. na sequência, faremos a roda de conversa. Num terceiro momento, uma atividade extraclasse, com uma caminhada na cidade para os alunos conhecerem o projeto Paranaguá Mais Cores fazendo uma leitura dessas obras.

Através de reflexão e ação, ou seja, informações a respeito destas manifestações e atividades relacionadas a arte do *graffiti* e suas ramificações, mais especificamente no projeto em questão o *stencil art graffiti*, incentivando os alunos a transformar esse local com intervenções artísticas, possibilitando o educar por meio do ensino e aprendizagem, de forma indutiva e reflexiva.

Prática II – revisitando trajetórias

Nem todas as práticas se restringiram ao ambiente da escola, mas em sua maioria buscavam trabalhar fundamentos das artes visuais por meio de técnicas usualmente adotadas no *graffiti*.

Meu primeiro contato com o *graffiti* ocorreu durante uma oficina de cursos ofertados no IV Festival de Arte e Cultura Popular do Litoral Paraense, na sede da FAFIPAR – Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Paranaguá - hoje, UNESPAR – Universidade Estadual do Paraná - em 2007, em parceria com a FUMCUL – Fundação Municipal de Cultura de Paranaguá, na cidade de Paranaguá, no litoral do Paraná. Durante a oficina tive a oportunidade de aprender a técnica do *stencil arte graffiti* que veio acrescentar mais uma metodologia voltada as artes visuais para ser aplicada em minhas aulas de arte.

Na sequência, ao repassar para os alunos da rede pública estadual de Educação Básica do Colégio Estadual Carmem Costa Adriano, no Bairro Bertioga, em Paranaguá-PR., escola essa situada na periferia da cidade onde ocorriam inúmeras intervenções por parte dos próprios alunos da comunidade com pichações, não só na parte externa dos muros da escola, mas, também, em vários outros locais sem que tivessem noção da gravidade dessas ações e que, conseqüentemente, estariam infringindo uma lei, teorizando com informações de que o *graffiti* tem características culturais e ideológicas que devem ser descobertas e exploradas.

E uma maneira de fazer isso seria que compreendessem as diferenças entre pichação (código fechado de pouca variação, utilizado por grupos específicos na demarcação de um território) e grafiteagem (linguagem elaborada por artistas para transmitir uma ideologia). O conteúdo foi apresentado aos alunos através de aulas expositivas utilizando o data show como instrumento de ilustração e aprofundamento, sendo efetivado no quadro negro em formas de esquemas e resumos.

Houve a apresentação dos Pontos Turísticos de Paranaguá, ficando a critério do aluno a escolha da representação de um deles, onde deveriam ser feitos esboços desses desenhos aplicando técnicas de sobreposição, profundidade e figura e fundo. Num segundo momento, ampliados e transferidos para um papel mais resistente (papel cartão, cartolina, folha de resultado de exame de raio-x, etc.). Após, apoiados em uma superfície de vidro, os desenhos deveriam ser “vazados” com estiletos (os detalhes em negativo, ou seja, as partes escuras que representavam esses elementos).

Figura 3: Desenho para o molde



Fonte: Arquivo da autora, 2007

Figura 4: desenho "vazado"



Fonte: Arquivo da autora, 2007

Figura 5: desenho grafitado



Fonte: Arquivo da autora, 2007

A seguir, imagens fotográficas dos alunos no processo de criação dos moldes (matriz), num tampo de vidro tendo o estilete como ferramenta para “vazar” os traços pretendidos (figura e fundo).

Figura 6: alunos criando os moldes



Fonte: Arquivo da autora, 2007

Figura 7: alunos criando os moldes



Fonte: Arquivo da autora, 2007

Para finalizar, as máscaras de *stencil* foram fixadas na superfície desejada, concretizando a pintura com tinta *spray*.

Figura 8: aplicação da técnica com os moldes



Fonte: Arquivo da autora, 2007

Figura 9: aplicação da técnica com os moldes



Fonte: Arquivo da autora, 2007.

Em decorrência dessa intervenção pedagógica ter alcançado êxito na proposta apresentada, o grupo de alunos que participou da seleção de trabalhos ocorrido na escola, no mesmo ano, foi convidado a participar do Festival de Arte da Rede Estudantil (FERA) – III Educação Com Ciência – Avance na Trilha do Conhecimento

– promovido pela Secretaria Estadual de Educação/Paraná Esporte, na cidade de Campo Largo-PR., onde foram expostos diversos trabalhos de escolas de todo o interior do Paraná, sendo oferecido um *standard* para demonstrar a técnica do *stencil art graffiti*. Essa exposição deu um show à parte, atraindo inúmeros visitantes que quiseram levar para casa a arte do *graffiti* impressa em suas camisetas com os Pontos Turísticos de Paranaguá.

Figura 10: Declaração de participação no FERA

III Educação Com Ciência

AVANCE NA TRILHA DO CONHECIMENTO.

DECLARAÇÃO

Declaramos que o(a) professor(a) LELILA DOS SANTOS HASSAN NASCIMENTO

participou do III Educação com Ciência, promovido pela Secretaria de Estado da Educação/ Paraná Esporte, no município de CAMPO LARGO, no período de 21 À 27 DE OUTUBRO de 2007.

Curitiba 31 / 09 / 2007

Ricardo Gomyde
Ricardo Gomyde
Diretor-Presidente
Paraná Esporte

Maurício Requião de Mello e Silva
Maurício Requião de Mello e Silva
Secretário de Estado
da Educação

Realização:

Patrocínio:

Fonte: Arquivo da autora, 2007

Em outra ocasião, no Colégio Estadual Helena Viana Sundin, também em Paranaguá, em 2012, outro tema proposto para trabalhar em sala de aula foi o artista brasileiro Romero Britto – Romero Francisco da Silva Britto, nascido no Recife, Pernambuco, no dia 6 de outubro de 1963. As formas geométricas refletidas no estilo do movimento cubista, misturando as figuras em um só plano estão representadas em suas obras, com cores fortes e vibrantes, demarcadas por linhas pretas em seus desenhos recebendo influência da *Pop Art*, movimento artístico surgido na Inglaterra

na década de 1960, que significa “arte popular”, o qual realiza críticas ao consumismo de produtos industrializados. [OBJ]

Os alunos do Ensino Médio foram orientados a pesquisar sobre o artista. Assim como na outra instituição de ensino, foram aplicados todos os trâmites para efetivação de aplicação do *stencil art graffiti*.

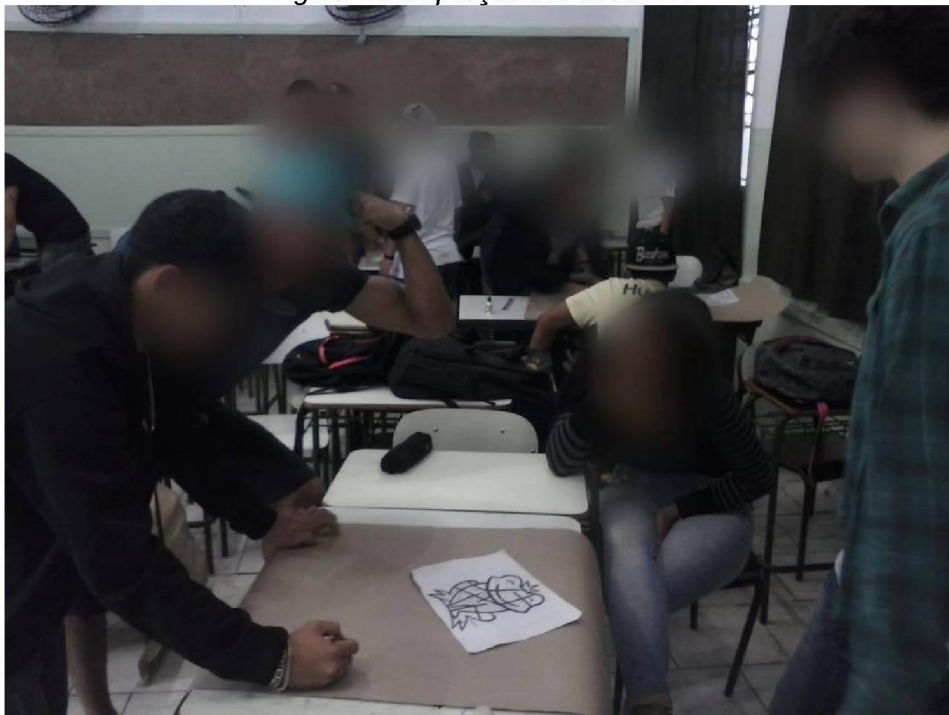
Na ocasião da intervenção houve a mobilização de todos os alunos que participaram do processo, ou seja, os alunos dos 1ºs e 2ºs anos e, ainda, os alunos que faziam parte dos 3ºs anos devido a grade curricular de aulas, não tinham aulas de arte naquele ano, mas foram meus alunos nos anos anteriores. Nesse dia, a escola parou para ver os “artistas grafiteiros”, embelezando os muros da escola. Todos foram contagiados e se propuseram a fazer parte do processo. Confesso que, mesmo diante do cansaço, foi um momento mágico que perdurou durante vários dias. Essas manifestações de arte urbana fizeram com que os alunos fossem os protagonistas da representação do universo no qual eles estavam inseridos (música, dança, esportes, amigos e outros) e, sempre que passavam em frente aos murais, faziam questão de mostrar e comentar sobre as suas criações fazendo surgir, dessa forma, a questão de pertencimento.

Figura 11: ampliação dos desenhos



Fonte: Arquivo da autora, 2012

Figura 12: ampliação dos desenhos



Fonte: Arquivo da autora, 2012

Figura 13: ampliação dos
desenhos



Fonte: Arquivo da autora, 2012

Figura 14: ampliação dos desenhos



Fonte: Arquivo da autora, 2012

Figura 15: aplicação da técnica do graffiti com os moldes



Fonte: Arquivo da autora, 2012

Figura 16: aplicação da técnica do graffiti com os moldes



Fonte: Arquivo da autora, 2012

Figura 17: aplicação da técnica do graffiti com os moldes



Fonte: Arquivo da autora, 2012

Figura 18: aplicação da técnica do graffiti com os moldes



Fonte: Arquivo da autora, 2012

Figura 19: aplicação da técnica do graffiti com os moldes



Fonte: Arquivo da autora, 2012

Figura 20: acabamento do mural



Fonte: Arquivo da autora, 2012

No Instituto Estadual Dr. Caetano Munhoz da Rocha Neto, também em Paranaguá, no ano de 2013, durante a comemoração ao Centenário de Vinícius de Moraes, os alunos do curso de Formação de Docentes, em grupo, escolheram um dos trechos da música “Aquarela” e foram orientados a transformá-los em desenhos, criando elementos para posterior estudo de figura e fundo. Seguidamente, foram criadas as “máscaras” de estêncil para aplicação do *graffiti* em superfície a ser estudada. Em se tratando de um espaço físico tombado pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico-cultural que responde pela preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro, nesse estabelecimento de ensino a intervenção do *graffiti* teve a obrigatoriedade de ser feita numa outra superfície que não fosse as paredes ou muros pertencentes a escola. E onde poderia ser efetivada essa ação? Com criatividade, foi acordado com as Equipes Diretiva e Pedagógica e repassado aos alunos a informação de efetuarmos esse trabalho numa superfície de um tecido com textura mais espessa, sendo suspenso e fixado na grade lateral da escola, medindo cinco metros de largura por dois metros de altura, oportunizando a todos os participantes a projetar, criar e grafitar suas criações de forma plena.

A partir dessas intervenções, o *graffiti* foi uma importante ferramenta nas aulas de Arte, fazendo com que os alunos refletissem sobre a vida, elaborassem narrativas, analisassem eventos históricos e contestassem a Arte. Desse período em diante, a minha relação com a arte urbana se aprofundou cada vez mais, inclusive, tornando-se objeto de estudo de minha dissertação de mestrado sobre a Arte Urbana fazendo um paralelo com a implantação do projeto Paranaguá Mais Cores juntamente a cultura caiçara e os Pontos Turísticos de Paranaguá, litoral do Paraná.

Prática III - Experimentação e sentimento de catarse: visita ao museu Oscar Niemeyer - Exposição “OS GÊMEOS: SEGREDOS” - fevereiro/2022

No processo de formação como artista, educadora pesquisadora, me desafiei a prática de visitar exposições e circuitos artísticos que derivem do campo de produção da arte urbana.

Em fevereiro de 2022, tive a oportunidade de visitar a exposição da dupla de artistas grafiteiros OS GÊMEOS, formada pelos irmãos Gustavo e Otávio Pandolfo (São Paulo, 1974), realizada pelo Museu Oscar Niemeyer (MON), em Curitiba-PR. A exposição resulta de produção original da Pinacoteca de São Paulo, em parceria com o MON.

Ultrapassando mais de 850 itens, como instalações imersivas e sonoras, pinturas, esculturas, intervenções, desenhos e cadernos de anotações, segundo a diretora-presidente do MON, Juliana Yoshida, “Mais do que nunca, a arte apresenta-se aqui como inspiração.” O colorido, o movimento e a alegria que fazem parte na obra d’OS GÊMEOS, resplandecem e nos fazem refletir nessa fase obscura tão presente no contexto de pandemia do COVID-19.

A imagem da escultura a seguir traz a representação de um boneco gigante podendo ser considerado como mais um habitante de um mundo lúdico e colorido, onde a explosão da cor amarela é muito forte, sendo considerada pelos artistas como uma cor quente, cheia de energia, que resulta em otimismo e alegria.

Figura 21: a autora em frente à uma escultura dos artistas OS GÊMEOS exposta no MON



Fonte: Arquivo da autora, 2022.

A mostra teve como objetivo revelar novas visões do fazer artístico d’OS GÊMEOS, apresentando ao público objetos pessoais, como cadernos, fotos, desenhos e pinturas datadas desde a infância dos artistas grafiteiros até a atualidade, contendo estudos e obras de arte que antecedem seus famosos personagens e evidenciando as raízes de seu surgimento. Para os artistas “O desenho é a alma de todo processo”.

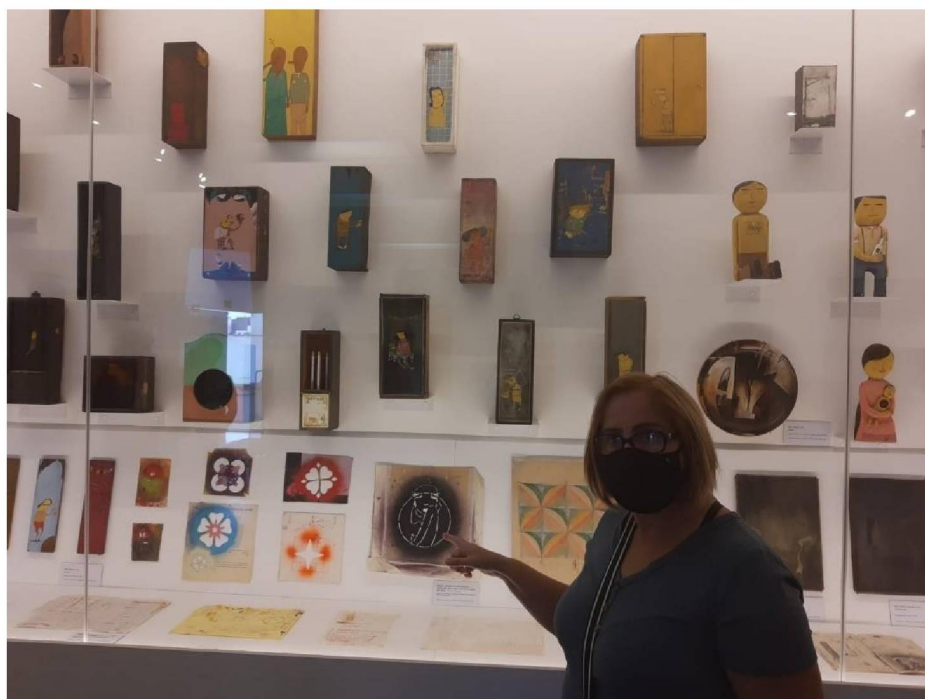
Figura 22: Stencil: papéis cortados para a confecção das roupas dos personagens das telas. Exposição OS GÊMEOS no MON



Fonte: Arquivo da autora, 2022.

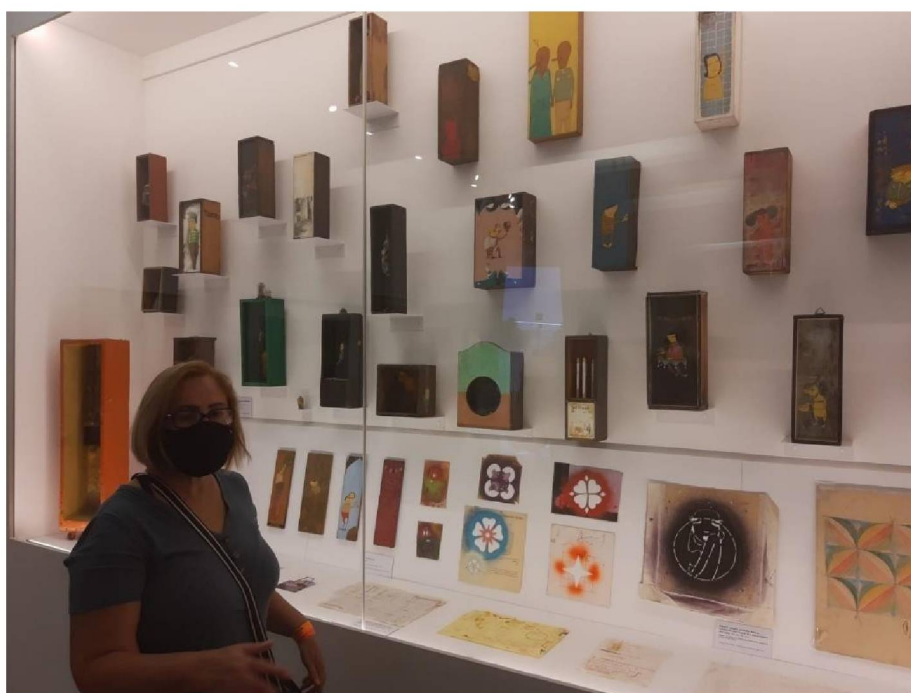
Ao adentrar nesses espaços, que foram elaborados com a representação de diversos momentos da vida dos artistas, me deparei com esse universo cheio de histórias cotidianas. Entretanto, o que me fez refletir e me identificar com o processo criativo dos artistas OS GÊMEOS, sobretudo no início de sua carreira como grafiteiros, foi a aplicação da técnica do *stencil art graffiti*. Nesse momento, vivi um sentimento de catarse, como uma ponte para a imaginação livre e emancipadora em meu processo didático-pedagógico e criativo, agregando a possibilidade de métodos entre os conteúdos escolares e formas que dialogam com minhas práticas de educação emArte, no ambiente escolar. A seguir, fotos registradas de alguns momentos.

Figura 23: a autora frente à exposição dos moldes de stencil. Exposição OS GÊMEOS. MON.



Fonte: Arquivo da autora, 2022.

Figura 24: a autora visitando a exposição. Sala com materiais diversos criados pelos artistas



Fonte: Arquivo da autora, 2022.

Entre as diversas linguagens artísticas que podem ser apreciadas nas ruas, de caráter transitório nas apresentações, podemos citar a música, a dança e o teatro. O *Graffiti*, entretanto, assim como outras artes visuais urbanas (o *lamb*, por exemplo) é diferente por ter uma permanência maior uma vez que continua a ser visto mesmo depois que o artista termina o trabalho. Pode-se dizer que o *Lambe-lambe*, técnica do *graffiti*, surgiu dos cartazes de propaganda publicitária popular se consolidando como potencial de movimento artístico para protestos e desenhos (SILVA, 2016). Ao apresentar seus trabalhos os artistas levam arte a um público que não frequenta exposições. É uma forma de ampliar o acesso à arte e a divulgação de suas propostas.

Os trabalhos dos artistas Gustavo e Otávio sempre foram representados em espaço urbano por considerarem como lugar de vivência e de estudo desde a década de 1980. Tiveram como inspiração a cultura *hip hop*, com o surgimento de movimentos paralelos como a utilização de *skates*, cuja produção inicial foi motivada pela chegada da dança, música, do muralismo e da cultura popular no Brasil. Na mesma época, culminou como uma insígnia dos espaços urbanos no mundo todo.

As criações realizadas pelos artistas OS GÊMEOS abrangem várias temáticas como fantasia, sonhos, relações afetivas, questionamentos e experiências de vida, inclusive, com momentos narrativos da própria história de vida da dupla de artistas. De acordo com o catálogo da exposição no Museu, o ateliê dos artistas grafiteiros é mantido no antigo bairro de operários e imigrantes da região central de São Paulo, no Cambuci, período em que passaram sua infância e juventude. Acrescente-se que suas experimentações foram além do *graffiti*, como pintura em telas e esculturas estáticas e cinéticas (movimento), extrapolando os limites bidimensionais, ascendendo na construção de um mundo próprio que manipula o sonho e a realidade.

A instalação da obra d'OS GÊMEOS no Museu Oscar Niemeyer revela uma tendência de deslocamento da arte urbana das ruas da cidade para o espaço museal. Esse deslocamento permite pensar o ambiente dessa arte e suas especificidades políticas e ambientais. Se na rua a arte urbana é acessível ao cotidiano das pessoas, no Museu verifica-se uma limitação de acesso a essa arte, e uma nossa posição política da mesma – de arte pública à arte privada.

Pensando no âmbito das obras de *graffiti* incentivadas pelo Projeto Paranaguá Mais Cores, na cidade de Paranaguá, a ideia de um museu ou galeria a céu aberto,

nas ruas da cidade, conjuga, de um lado, a ideia de um circuito artístico planejado, possibilitando pensar uma curadoria por exemplo dessas obras. Por outro lado,

circuito de arte urbana do Paranaguá Mais Cores, ao ser instalado nas ruas, preserva o espírito de arte pública e acessível implícito na arte urbana. As produções e fruições se colocam no próprio espaço urbano, aproximando a ciência de quem vive dela, uma vez que faz parte do cotidiano, uma arte inclusiva e acessível às minorias e aos que vivem nas periferias da cidade, sem acesso aos espaços museais.

Desse modo, ao sair para campo fazendo toda uma análise da arte urbana que vai além do muro da escola, processando todos esses dados, penso ser possível um elo que envolve quem aprende e ensina, agregando valores à minha formação, enquanto pesquisadora, e dando subsídios para que no futuro possamos, enquanto educadoras, continuar na busca de soluções que a todo momento emergem de variadas situações decorrentes das relações entre arte, ambientes e desigualdades sociais.

4 O PROJETO PARANAGUÁ MAIS CORES E A ARTE URBANA

Para abordar as questões que articulam arte urbana e os ambientes das cidades onde essa arte se instala, problema central nessa dissertação, o estudo do Projeto Paranaguá Mais Cores, realizado na cidade de Paranaguá, se mostrou um caminho relevante.

A pesquisa de campo ocorreu nos meses de fevereiro a outubro de 2021, onde estabeleci uma série de conversas com o artista João Ricardo Guimarães Gonçalves o qual faz parte do projeto. A intenção dessas entrevistas era compreender como o artista percebia o projeto e como era a participação dele.

Em virtude do distanciamento social decorrente da pandemia de COVID-19, as entrevistas ocorreram via *google meet* fortalecendo o processo das conexões virtuais entre alguns participantes do projeto Paranaguá Mais Cores, trazendo informações para condução da pesquisa.

Paralelamente, a pesquisa tinha como objetivo reconhecer os ambientes da arte urbana, as paisagens que ela constrói e a possível correlação entre os temas ambientais das obras e os espaços urbanos nos quais elas se instalam.

Partindo do estudo do Trabalho de Conclusão de Curso do artista Tomaz Martins da Silva (2021), nos dispusemos a iniciar esse percurso da arte urbana apresentando seus protagonistas. No Projeto Paranaguá Mais Cores, os artistas

participantes são: Crabe, João Ricardo, Gio Negromonte, Angelo Reis, Laís Araújo, Felipe Meduzo, Juno, Rodolfo Branco, Iza Wonka, Juan Roseno, Autonomico, Osmar Salgado, Andy Lagos, Gustavo Lagos, Alexia C., Cecilia Ribeiro, Giuliana Pezzini, Karol e Amanda Fanini.

O projeto Paranaguá Mais Cores confeccionou o maior e mais alto mural da cidade de Paranaguá intitulado “Paranaguá: a história como ingrediente” com a dimensão de 25 metros x 8 metros totalizando 200 metros quadrados, localizado na Rua da Praia, Centro Histórico de Paranaguá-PR. Conjugado com o Aquário Municipal, a obra é assinada pelo artista Gio Negromonte, assistente artístico Shelps, designer Cynthia Bresser e assistência geral os artistas Randir, João, Pedro, Nicolas e Maguila.

Figura 25: “Paranaguá: a história como ingrediente”



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CR6qbNmi7GZ/>

“Uma foto é sempre uma imagem mental. Ou, em outras palavras, nossa memória só é feita de fotografias.” (DUBOIS, 2007, p. 314). Seguindo essa mesma perspectiva de Dubois, as fotografias eternizam os momentos, a cada visualização de mural houve registro através de fotografias de vários murais feitos pelo Projeto Paranaguá Mais Cores que carregam muitas histórias e memórias, não só no centro histórico de Paranaguá, mas, também, em áreas periféricas que objetivam perpetuar essa galeria a céu aberto, com imagens relacionadas a cultura caiçara.

Figura 26 – Waltel Branco (1)



Fonte: Arquivo da autora, 2021

Figura 27 - Waltel Branco (2)



Fonte: Arquivo da autora, 2021

Figura 28 - Waltel Branco (3)



Fonte: Arquivo da autora, 2021

Arte realizada por Ângelo Reis, músico, desenhista e pintor nascido em Paranaguá-PR., no dia 24 de fevereiro de 1996, interessado por arte desde a sua infância. Aos 15 anos de idade iniciou e se aprofundou nas técnicas do realismo. Utiliza na execução de suas artes pincel, tintas acrílicas e *spray*. Artista atuante no cenário da música e artes visuais na cidade de Paranaguá, em setembro de 2009 começou um retrato do músico Waltel Branco, compositor, maestro e arranjador parnanguara, nascido em Paranaguá-PR., em 22 de novembro de 1929, atuando muito também com o maestro Henry Mancini e compondo para trilhas sonoras de filmes norte-americanos. Em 2012 recebeu o título de doutor *honoris causa* pela Universidade Federal do Paraná, como compositor, arranjador e multi-instrumentista paranaense. Faleceu no Rio de Janeiro, em 28 de novembro de 2018, aos 89 anos de idade.

Para Ângelo Reis, essa obra realizada pelo projeto Paranaguá Mais Cores foi um divisor de águas, principalmente, para ele que começou a atuar profissionalmente com a pintura. Mede 2m x 3m e está localizada na esquina das ruas Manoel Correia e Padre Albino, nas redondezas da Praça da Paz, em Paranaguá-PR. O trabalho lhe rendeu grande destaque na cidade, sendo divulgado em jornais e programas

televisivos. É interessante destacar que a primeira obra desse projeto foca a memória de um músico nascido em Paranaguá e conhecido internacionalmente.

Figura 29: Cyro Matoso (1)



Fonte: Arquivo da autora, 2021

Figura 30: Cyro Matoso (2)



Fonte: Arquivo da autora, 2021

Figura 31: Cyro Matoso (3)



Fonte: Arquivo da autora, 2021

Outro artista também homenageado foi Cyro Matoso, que faleceu em 2019 aos 85 anos. Cineasta autodidata de Paranaguá, conhecido pela sua forma peculiar de produzir filmes. Com pouquíssimos recursos, na raça e com a ajuda de alguns moradores, Cyro retratou – desde os anos 70 – as histórias e lendas de Paranaguá, valorizando sempre a cultura caiçara. Esse *graffiti* foi realizado por Bruno Romã, curitibano, artista autodidata, que desenvolve seus trabalhos explorando diferentes técnicas e plataformas: cerâmica, muralismo, esculturas de madeira, pinturas tradicionais e digitais, sendo algumas delas. Suas referências partem principalmente das vivências na cultura popular brasileira que vem pesquisando há 9 anos. Atua há 8 anos como ilustrador e como arte educador, ministrando oficinas em escolas, universidades, comunidades tradicionais e espaços de convívio e controle social.

Bruno Romã relatou que conheceu o projeto Paranaguá Mais Cores através do convite de João Ricardo e de Giovanni Negromonte. Isso ocorreu logo no início do projeto, no primeiro ano. Foi uma surpresa muito boa para ele. Logo na articulação para a realização do mural percebeu o entusiasmo dos dois artistas com o projeto, além do seu profissionalismo. Segundo o artista Bruno, mesmo com poucos recursos, o Paranaguá Mais Cores já se mostrou, desde o início, um projeto de grande impacto artístico em Paranaguá, que além de trazer arte para suas ruas, também revela novos artistas e amplia a discussão sobre a ocupação do espaço público na cidade. Como vinha pesquisando a cultura caiçara desde 2012, logo que recebeu o convite, acordou com os artistas uma homenagem ao cineasta parnanguara Cyro Matoso, do qual sempre ouviu falar, desde que conheceu a Ilha de Valadares, em 2009, e que veio a falecer no mesmo ano da sua participação no projeto Paranaguá Mais Cores. O mural foi criado na parede de um bar, na travessa enfrente a rodoviária da cidade de Paranaguá-PR., na Rua João Estevão, no Bairro Ponta do Caju, medindo, aproximadamente, 3 metros de altura por 5 metros de largura, nas cores branca e azul.

O artista Bruno Romã executou o mural com o suporte de João Ricardo e Giovanni Negromonte alegando que foi um sucesso devido a contribuição de mais uma arte para a cidade, recebendo elogios da família de Cyro Matoso, tornando-se de extrema importância para eles, envolvidos nesse projeto.

Bruno Romã recomendou, ainda, o documentário “Cinematoso”, de 2010, do diretor Bruno de Oliveira, que pode ser encontrado no Youtube.

A grafiteira Laís Araújo Leite, também faz parte do projeto Paranaguá Mais Cores. Em entrevistas feitas via vídeo chamadas foram levantados questionamentos como: quando começou a grafitar? O que a motivou a fazer arte através do *graffiti*?

Formada em Pedagogia pela Unespar – Universidade Estadual do Paraná, professora na Educação Infantil, participou do projeto criando as obras que serão postadas sequencialmente. Relatou que as artes visuais começaram a fazer parte de sua trajetória artística no início de 2016 quando, por incentivo de amigos, começou a fazer as primeiras pinturas nas paredes.

Após esse período os mesmos amigos montaram o projeto Paranaguá Mais Cores do qual sente imenso orgulho e prazer em participar.

De pintura em pintura a artista chegou à conclusão de que precisaria utilizar de uma técnica para passar suas mensagens, através da arte, então começou a pintar de modo monocromático onde utiliza apenas duas cores: preto e branco. Com essas cores faz um encaixe de uma cor na outra, fazendo alusão também ao *Yin-Yang*, positivo e negativo, trazendo para o cotidiano do parnanguara esse "ar" de equilíbrio e suavidade.

Acrescentou que as artes que coloca nos muros pela região de Paranaguá buscam trazer ao parnanguara e, a quem passar pelo local, a lembrança das características da nossa região como um todo: Estado do Paraná, Litoral do Paraná, Paranaguá.

Figura 32: Mural representando povos indígenas – Artista Laís



Fonte: Arquivo da autora, 2021

Esse mural foi realizado na Rua Maneco Viana, em Paranaguá e também faz parte do projeto Paranaguá Mais Cores. Segundo a autora, a obra foi idealizada com a finalidade de lembrar a todos, em especial aos parnanguaras, sobre nossos irmãos indígenas e a força da natureza. Revivendo também na memória de quem é mais atento a lembrança do povo indígena da Ilha da Cotinga, que merece todo o nosso respeito. Nesta arte, um velho cacique faz um gesto de sopro, por onde saem corações. Ao lado direito, geometria simbolizando escamas de cobra, com cores baseadas na cultura Tupi Guarani. Na viga final da parede, nas cores em preto, vermelho e branco, simboliza a força da cobra coral.

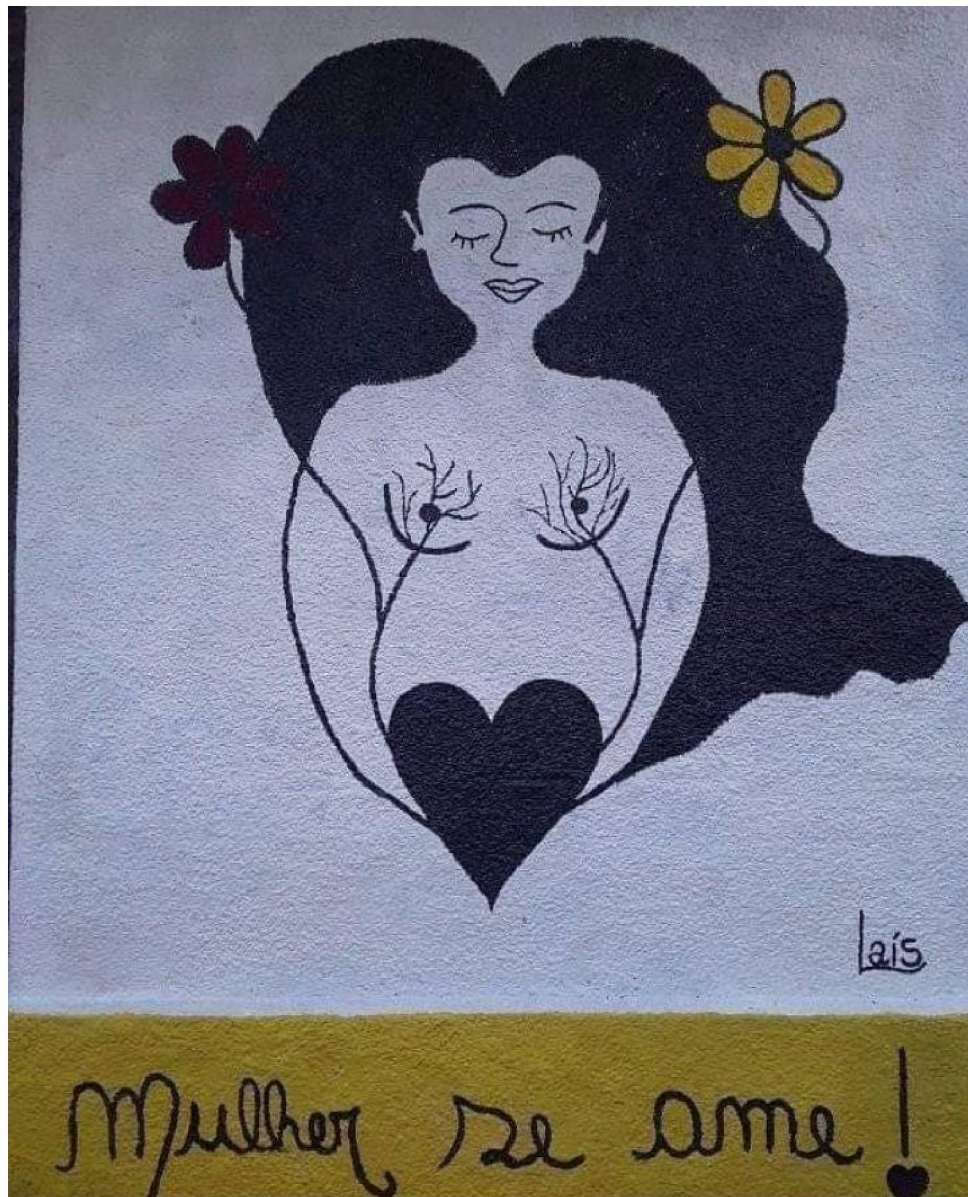
Figura 33: Arte Manguê



Fonte: Arquivo da autora, 2021

A autora Laís, nessa obra, localizada na Rua Benjamin Constant com Rua Princesa Izabel, no Centro Histórico, informou que foi criada para lembrar de nossos manguezais, da restinga e a essência do povo caiçara que não consegue viver sem o manguezal, lembrando que o mangue também é vida e que sem ele muita coisa deixaria de existir, merecendo, dessa forma, ser representado em arte e preservado com todo respeito e educação.

Figura 34: Mulher se ame!



Fonte: Arquivo da autora, 2021

Arte localizada na Rua XV de Novembro, no Centro Histórico de Paranaguá-PR. inspirada em todas as mulheres, foi criada para que se lembrem do autocuidado e do amor-próprio. Esta arte permitiu múltiplas interpretações relacionadas ao coração no ventre e a ligação das linhas que levam conexão aos seios.

Figura 35: Araucária



Fonte: Arquivo da autora, 2021

A representação da araucária nesta arte, situada na Rua Ildelfonso Munhoz da Rocha, segundo a autora, foi criada para reviver na memória das pessoas a árvore “símbolo do Paraná” que em 2016 entrou para a lista das espécies ameaçadas de extinção. Infelizmente, essa obra foi apagada recentemente, nos levando a refletir mais uma vez sobre a sua possível extinção e nos mostrando que o *graffiti* é uma arte efêmera.

Figura 36: Bagre



Fonte: Arquivo da autora, 2021

Esse mural está situado na Praça Recanto Eropina – Cominense _ Rua Alameda Cel. Elísio Pereira, também em Paranaguá; ao relatar sobre a obra a artista afirmou que esta arte traz vida no muro com um elemento muito característico de nossa região: o bagre, cuja intenção foi trazer para a memória dos parnanguaras a beleza deste animal marinho, sua vivacidade e tudo o que ele significa para a região de Paranaguá.

Figura 37: Arte Inspiracidade



Fonte: Arquivo da autora, 2021

Outra obra realizada pela Laís na Rua Marechal Deodoro foi uma homenagem ao *Rapper* Parnanguara Wagner Luiz, o "Wag", que, conforme informações prestadas pela autora, há muitos anos está na batalha por um movimento cultural consistente e consciente dentro de nossa cidade. Trata-se de uma pessoa de grande prestígio e muito estimada por todos que o conhecem e respeitam enquanto músico e artista, que vive e canta a sua realidade. "Inspiracidade" é uma música do artista.

Com relação a artista Laís, em se tratando de uma das figuras femininas que fazem parte do projeto Paranaguá Mais Cores, observou-se a oportunidade de participação de mulheres nessa ação, encorajando-as e dando voz a minoria. Por muito tempo, tanto a pichação como o *graffiti* foram praticados particularmente por homens, pelo fato de ser uma prática perigosa ou marginalizada. Em contrapartida, as mulheres se fazem presentes cada vez mais nas ruas, mostrando a alma feminina em diversas nuances, ganhando espaço em um meio predominante de grafiteiros homens.

Considerando a Agenda da Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável, é possível articular os 17 Objetivos escolhidos para orientar os esforços governamentais em todo o planeta para a superação dos desequilíbrios ambientais e sociais contemporâneos com o tema das obras que integram o Paranaguá Mais Cores, possibilitando uma abordagem local dos problemas globais.

As desigualdades sociais estão na base de muitos desses problemas, dentre elas, a desigualdade de gênero. Durante a pesquisa, considerei importante destacar a participação de artistas mulheres na arte urbana, especialmente no estudo do projeto Paranaguá Mais Cores, identificando as artistas e destacando suas obras. Dentre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil, os quais contribuem para atingir a Agenda de 2030, pode-se correlacionar com a questão feminina mencionada acima o de número 5 Igualdade de Gênero: “Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas”.

Figura 38: Raoni na luta e resistência pela preservação



Fonte: Arquivo da autora, 2022

Emerson Alberto Ramos, cujo nome artístico é “Emer”, nasceu na estrada da Anhaia em Morretes-PR. Desde pequeno sempre teve contato com a arte e também faz parte do projeto Paranaguá Mais Cores onde realizou a obra intitulada “Raoni na luta e resistência pela preservação”. Conforme informação do artista grafiteiro Emer, Raoni Metuktire é um líder indígena brasileiro da etnia caiapó. É conhecido internacionalmente por sua luta pela preservação da Amazônia e dos povos indígenas.

O artista Emer acrescenta que a obra acima, localizada na Rua Faria Sobrinho, no Centro Histórico de Paranaguá-PR., tem como pano de fundo uma crítica ao desmatamento desenfreado, o crescimento das grandes metrópoles e das favelas, frutos das desigualdades sociais, o crescimento desordenado das empresas que poluem o meio ambiente, que nos trazem prejuízos como os grandes impactos ambientais, e os olhares incertos frutos da ganância e intolerância que a cada dia nos distanciam da nossa cultura e memória indígena.

Em 2008, Emer passou por sérios problemas de saúde levando-o a se dedicar a arte em sua recuperação. Ingressou na escola de Música e Belas Artes do Paraná, desenvolvendo pesquisas em desenhos, pinturas em telas e painéis, com propostas

que envolvem temas regionais, paisagens e críticas sociais. Ao finalizar suas informações a respeito da obra sobre o indígena Raoni, nos contemplou com o seguinte poema:

Hoje choro índios
Pelo que fizeram com vocês
Roubaram sua terra
E te deixaram vida sofrida
E plantaram uma gigante selva de pedra
No lugar da sua natureza
Cheia de vida
Os pássaros estão sem rumo,
Sem destino, à vagar
Suas florestas nativas
Saíram de cena
E deram lugar ao arado
As águas que brotavam naturalmente,
Viraram um esgoto corrente
E cachoeiras de poluição
A sua cultura está se distanciando
E ficando os maus costumes
Do monstro Homem sem amor
O pau Brasil virou história
Hoje guardada no fundo da memória
Homem sem amor capitalista
Matou sua imagem semelhança,
Violaram a lei da vida,
à luz que nos habita
Que nos ensina,
Homem sem amor
Dos restos de seus conflitos
De suas batalhas exultantes
O que ficou foi sua maldita herança.
(Emer, 2013).

Figura 39: Se você ama um, por que come o outro?



Fonte: Arquivo da autora, 2022

Esse *graffiti* com o tema “Se você ama um, por que come o outro?” realizado pelo artista Fernando Santinello, mais conhecido como “Santii”, apresenta um tema com repercussão envolvendo questões a respeito dos direitos dos animais e o veganismo.

O artista grafiteiro Fernando Santinello trabalha com arte, mais especificamente com o *graffiti*. Mora em Guaratuba-PR. quase 10 anos. Hoje, com 31 (trinta e um) anos de idade, é pai de 3 (três) filhos maravilhosos. Desde pequeno sempre amou todo tipo de arte e gostava muito de desenhar. Aos 12 anos se apaixonou pela cultura do *hip-hop* e do *skate* e foi com 15 anos de idade que teve seu primeiro contato com o *graffiti*,

Segundo o relato do artista Santii, “trabalhou em vários setores, mas nada o deixava completo, época em que a arte ainda não o sustentava.”

Em 2014 abandonou tudo e foi viver somente de sua arte. Viajou por 5 (cinco) estados, 15 (quinze) cidades e 02 (dois) países vivendo exclusivamente de sua arte, podendo afirmar que hoje se sente realizado e feliz com suas escolhas, finalizando com a frase: “Sejam felizes fazendo aquilo que te arrepia ao lembrar”.

Santii também foi convidado para participar do projeto Paranaguá Mais Cores onde realizou a obra acima mencionada, que fica na Rua Joaquim Ferreira Barbosa esquina com a Rua Vieira dos Santos - Centro Histórico - em Paranaguá-PR

Uma série de temas são retratados na arte urbana. Questões sociais, ambientais, culturais, que revelam o potencial desta arte como ferramenta social – conceito proposto pelo acadêmico e grafiteiro, Tomaz Martins da Silva (2021).

Tomaz Martins da Silva (2021) relatou seu percurso no *graffiti* e fez uma reflexão sobre seu trabalho como grafiteiro e arte-educador através da Arte de Rua *graffiti* com ações aplicadas no decorrer de sua formação correlacionando com os movimentos sociais, a cidadania e o cotidiano da vida nas cidades. Afirmou, ainda, que se faz necessário criar e recriar a ação de intervir na rua, na cidade, no mundo, pois a Arte Urbana é uma “ferramenta social”. (SILVA, 2021, p.)

O estudo intitulado “Relato de experiência: Arte Urbana como ferramenta proporcionadora de vivências compartilhadas”, levanta questionamentos sobre os sentidos sociais relacionados a Arte Urbana, no local onde as pessoas vivem, provocando reflexões que induziram ao experimento do *graffiti* especificamente em comunidades tradicionais, chegando a envolver a vila de pescadores de Matinhos-PR. com essa intervenção aplicando a técnica de mural, cuja ferramenta social estava intrínseca a memória narrada.

Segundo o artista Tomaz, sua primeira chance de participar em um projeto de arte mural ocorreu com a permuta com um restaurante que, além da alimentação forneceu material suficiente para execução, inclusive teve que pintar, também, um trabalho comercial na parede externa do estabelecimento. Essa atividade exigiu um elevado esforço físico, porém, não se comparou ao seu esforço mental exigido pelo fato de ser a primeira vez que aplicava técnicas complexas com *spray* numa larga escala e sem a participação de seus parceiros de trabalho. O mural intitulado “Pescador de esperança” foi pintado com tinta *spray*, envolvendo uma sequência de acontecimentos, deliberando uma linha narrativa.

No decorrer da pintura do mural Tomaz observou diversas reações das pessoas que por ali passavam as quais prestaram atenção no processo de criação de cada sequência gráfica, tecendo comentários e esperando a próxima cena. Fez a narrativa da leitura da obra da seguinte forma: “Na primeira parte da sequência, o pescador joga sua tarrafa e “pesca” o sol. A segunda parte revela o pescador mostrando o sol para outros dois personagens e, por fim, a terceira parte retrata uma vila de pescadores para onde o sol foi levado, mostrando uma parcela de mundo que ficou escuro, contrastando com a vila de pescadores brilhando”.

Acrescentou que, por se tratar de uma modalidade gráfica articulada com narrativas visuais, essa experiência contribuiu de forma significativa. Mas ressaltou que foi uma experiência trabalhosa de pouco retorno profissional uma vez que levou muito tempo para realização e sem retorno financeiro. Finalizou afirmando que: “Se é para fazer amor, sem envolver dinheiro, faça *grafitti!*” chegando à conclusão que teria que deixar o muralismo, temporariamente, até conciliar sua vida profissional com a artística.

Para o artista Tomaz, o sol teve como simbologia a esperança, “iluminando” todo o povoado ao ser trazido pelo pescador.

Figura 40 - “Pescador de esperança” (1)



Fonte: Arquivo da autora, 2022

Figura 41 - “Pescador de esperança” (2)



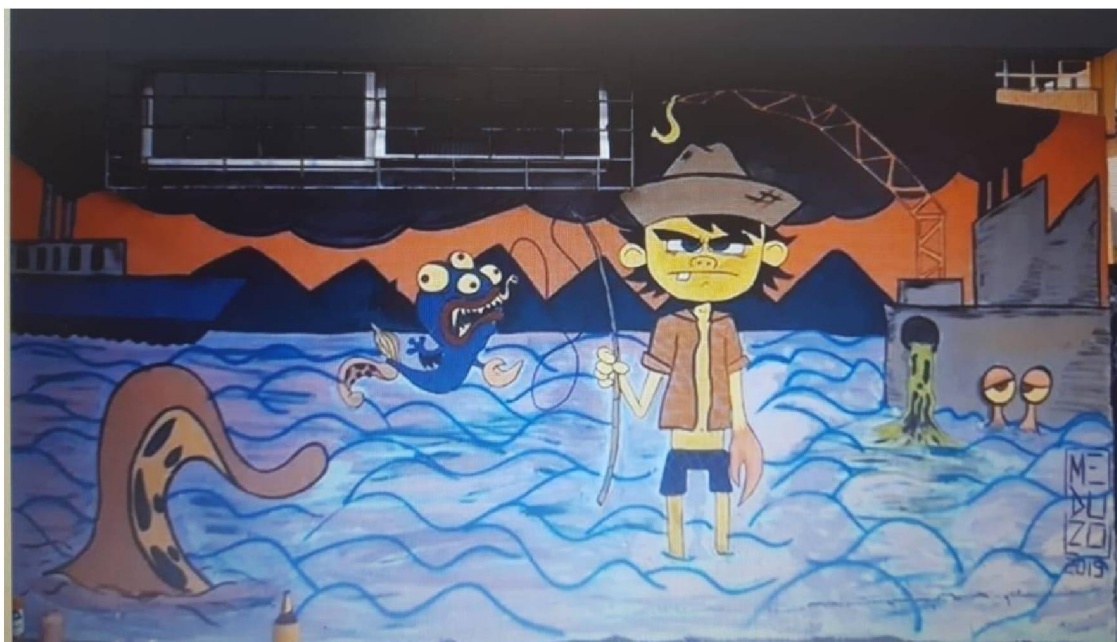
Fonte: Arquivo da autora, 2022

As temáticas abordadas na obra de Tomaz, são também presentes em outros artistas no litoral paranaense. Por exemplo, o trabalho de Felipe Meduzo, artista que atuou no projeto Paranaguá Mais Cores e cuja obra permite tecer uma crítica aos impactos da globalização na cidade de Paranaguá.

Felipe Costa, também conhecido como Meduzo, é natural de Paranaguá-PR., onde mora e trabalha. Sempre gostou muito de desenhar. Autodidata, busca fazer desenhos livres com pouca técnica. Também se identifica com a Arte Urbana, mais especificamente o *graffiti*.

Recentemente, há mais ou menos uns três anos atrás, arriscou fazer desenhos maiores em paredes e telas grandes, a pedido de amigos que sempre o incentivaram fazendo com que começasse a gostar dessa modalidade. O fato de conhecer os artistas grafiteiros João Ricardo e Giovani Negromonte fez com que fosse convidado a participar do projeto Paranaguá Mais Cores, passando a fazer diversas intervenções pela cidade de Paranaguá com desenhos representando uma identidade local da cultura e dos problemas socioambientais, tendo sido mostrado e apresentado em universidades do litoral do Paraná.

Figura 42 “Progresso?”: mural criado pelo artista Meduzo – Felipe Costa



Fonte: Arquivo do autor, 2019

Segundo o artista Meduzo, essa arte intitulada “Progresso?” representa a expansão do Porto na nossa cidade e os problemas e efeitos biológicos que toda essa logística nos traz. Podemos ver a poluição sendo derramada e o nosso ecossistema sofrendo alterações e prejudicando as formas de sustento dos nossos pescadores e população em geral, ocasionando mudanças nos seus aspectos físicos e mentais.” Essa obra estava localizada na Rua Princesa Izabel, Centro Histórico de Paranaguá. Por se tratar de uma arte efêmera, houve uma nova intervenção na mesma superfície, porém, ficou registrada em fotografias. Esse é um dos *graffitis* criados em Paranaguá que faz uma crítica ao que vem acontecendo na baía evidenciando/retratando todo o processo de poluição a partir do aumento dos serviços portuários. Ao fazermos a leitura da imagem podemos observar, na parte esquerda, a retratação de um navio emitindo muita fumaça.

A representação de seres mutantes nos proporciona muitas reflexões levantando-se vários questionamentos, entre eles: “Até quando a nossa baía vai aguentar tamanha agressão, ocasionando impacto ambiental de forma implacável?” “Que cidade é essa que possui um dos maiores portos do mundo, sendo considerado o segundo porto da América Latina em termos de movimentação de cargas ocasionando dragagens?” Para que haja a permissão de navios trafegando sem riscos, é garantida a profundidade do canal trazendo como consequência inúmeros

impactos ao meio ambiente. Entre eles erosão, escorregamento, assoreamento, adensamento e inundações.

Há de se considerar que, durante o levantamento dos aspectos e impactos ambientais existe a necessidade de um estudo do gerenciamento dos resíduos, uma vez que a forma como a empresa gerencia a geração, transporte e destinação dos resíduos, conseqüentemente gerará algum impacto ambiental. Paranaguá é uma cidade conectada com a globalização e essa é uma questão inegável, sendo impactada em seu cotidiano nas suas ruas, em suas políticas públicas, por ser um dos maiores escoadores do mundo de grãos, *containers*, de álcool, etc, ou seja, o porto tem esse papel na circulação de mercadorias, e não de pessoas.

Nesse sentido, Milton Santos em seu livro “Por uma outra globalização” (2011), lança reflexões com um olhar sobre os impactos da globalização no nosso dia a dia, onde o autor propõe uma interpretação multidisciplinar do mundo contemporâneo, tratando a globalização como fábula, como perversidade e como possibilidade e isso é constatado na cidade de Paranaguá. A noção de direito a cidade é notória, não exclusivamente no que diz respeito a conservação de uma natureza distante, quase idealizada, mas de um ambiente que retrate essa cidade.

Ao discutir direito a cidade com questões como mobilidade urbana, educação, lazer, cultura, saúde, acessibilidade de equipamentos públicos é justamente o que esses artistas grafiteiros estão trazendo com esse olhar criado pelo projeto Paranaguá Mais Cores, através de uma realidade concreta, material.

Outro fator de extrema relevância é a cidade de Paranaguá ser o berço da civilização paranaense, com um patrimônio histórico muito rico e representativo.

Porto Gonçalves (2006), nos últimos anos, vem lançando toda uma reflexão sobre o decolonial nos fazendo relacionar que Paranaguá é uma cidade que articula casarões, com esse fabuloso Patrimônio Histórico nos permitindo articular, também, com essa dimensão da globalização. Essas duas dimensões estão conjugadas pois é uma cidade especialmente protegida em termos de um bem cultural, com seu centro histórico, e não é por acaso que muitos dos grafiteiros escolhem esses lugares como suporte e como base as fachadas dos casarões que estão ali abandonados, fazendo surgir um olhar entre o colonial revisto a partir do olhar do *graffiti*, que significa esse decolonial, esse pós-colonial.

Portanto, Porto Gonçalves e Milton Santos são autores essenciais nesse olhar ambiental. Esse direito a cidade, essa articulação com os direitos que estão expressos

em muitos desses *graffitis*, podem dialogar com essa arte, onde me faz reconhecer que, registrando esses *graffitis* na cidade e, como o Mestrado é voltado para o profissional, tem essa exigência/necessidade de apresentar a dissertação e esse “produto final”.

Ao longo dos estudos foi possível reconhecer a peculiaridade da arte urbana em Paranaguá. Tratando-se de uma cidade portuária através da qual circulam mercadorias em uma escala globalizada, simultaneamente estamos diante de uma cidade com um riquíssimo Patrimônio Histórico Artístico Cultural, protegido e tombado, e situada em uma das áreas de maior biodiversidade da Mata Atlântica.

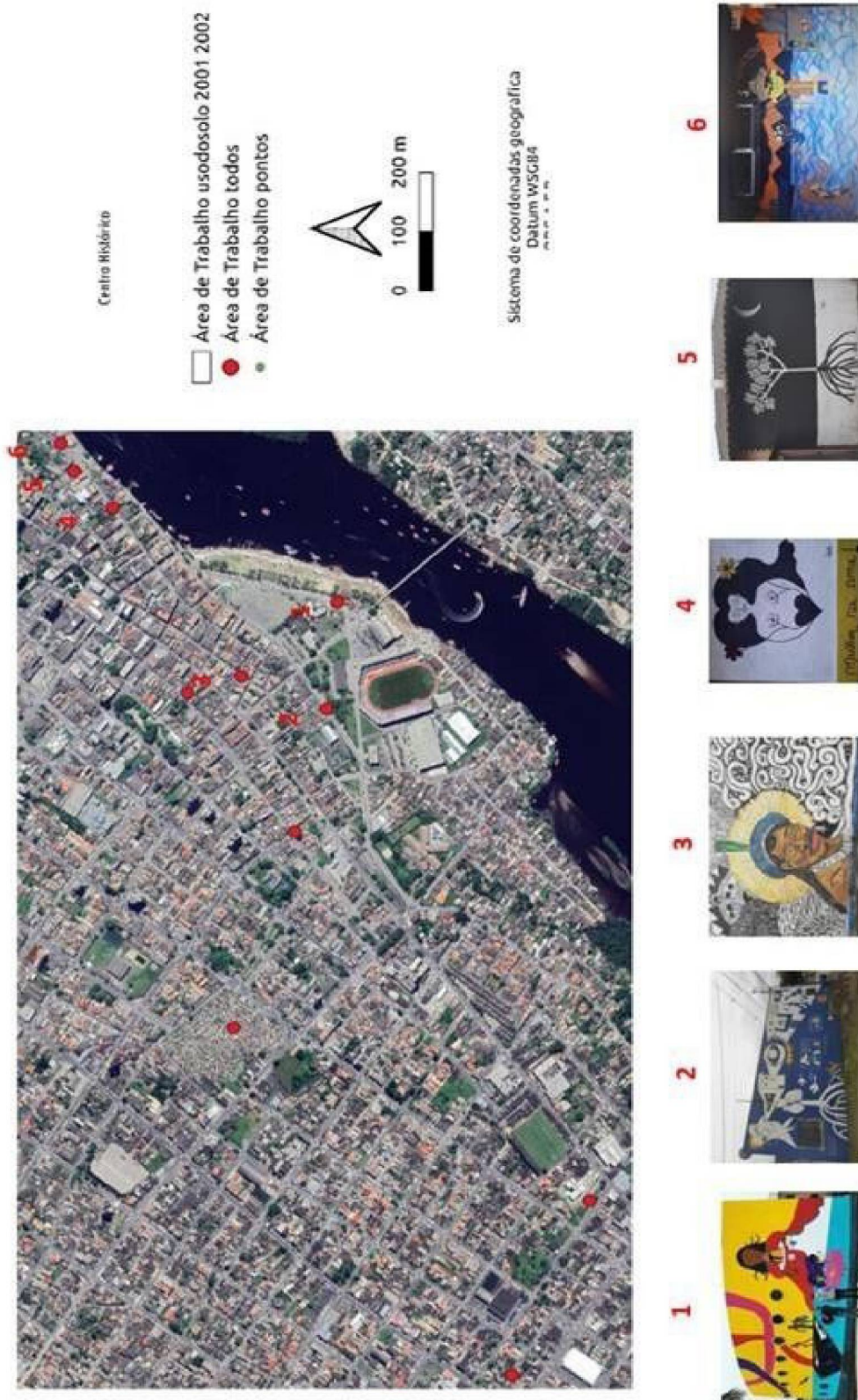
O Centro Histórico é envolto por zonas de periferia, com uma série de problemas de saneamento, resíduos, mas habitada por grupos sociais que se relacionam com a baía como um todo, pescadores, catadores, cultivadores. Ao longo dos estudos foi possível perceber como essas problemáticas se expressam num repertório muito interessante de *graffitis*. Na arte urbana, temas como o direito à cidade se cruzam com um olhar interdisciplinar, em que a Arte dialoga com a Sociologia, com a Geografia, com a História, com a vida concreta dessas pessoas, nos permitindo fazer muitas reflexões, permitindo enxergar as estruturas socioambientais nas quais estamos imersos e, o mais fantástico, como elas emergem nas obras que esses artistas grafiteiros estão fazendo.

Ao final da pesquisa, cruzando dados, foi possível elaborar um mapa das obras de arte urbana inscritas pelo projeto Paranaguá Mais Cores.

Esse trabalho contou com a colaboração do professor de geografia e mestre em Ciências Ambientais, Alexandro Ramos e possibilita identificar as obras de *graffiti* no centro histórico da cidade.

A análise dos dados resultantes da dupla abordagem investigativa – artistas, obras e lugares – resultou na construção de cartografia, que foi posteriormente inserida no planejamento de uma unidade didática em arte visuais, com o tema da Arte Urbana (anexo I).

Figura 43: Cartografia: Itinerário de Arte Urbana: Projeto Paranaguá Mais Cores



LEGENDA DO MAPA



Obra I – Autor Giovanni Negromonte – Título: Paranaguá: a história como ingrediente – Local: Aquário de Paranaguá - Rua da Praia – Centro Histórico



Obra II – Autor Bruno Romã – Título Cyro Matoso – Local: Rua João Estevão - Ponta do Caju.



Obra III – Autor Emerson Alberto Ramos – Título: Raoni na luta e resistência pela preservação – Local: Rua Faria Sobrinho – Centro Histórico.



Obra IV – Autora Lais Araújo Leite – Título: Mulher se ame! – Local: Rua XV de Novembro – Centro Histórico.



Obra V – Autor Lais Araújo Leite – Título: Arte Mangue – Local: Rua Benjamin Constant – Centro Histórico.



Obra VI – Autor Felipe Costa - Meduzo – Título: Progresso? – Local: Rua Benjamin Constant – Centro Histórico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: O EMERGIR DA EDUCADORA ARTISTA PESQUISADORA E O DESAFIO DE REFLETIR SOBRE AS PRÁTICAS DE ENSINO DE ARTES PARA ACOLHER QUESTÕES SOCIOAMBIENTAIS CONTEMPORÂNEAS

No transcorrer desta pesquisa o maior legado foi o de refletir sobre as transformações sofridas em minhas práticas docentes a partir do Mestrado em Ciências Ambientais e considerando como as questões ambientais passam a dialogar com minhas práticas de arte educação.

O *graffiti* que no decorrer de minhas práticas sempre foi abordado como técnica gráfica e visual que envolvia a produção de murais na escola e na própria cidade, passou a ser compreendido numa perspectiva mais ampliada.

Os territórios dos sujeitos da arte urbana passam a interessar, bem como as temáticas de uma crítica presente na arte urbana passou a ser fonte de interesse para a abordagem de questões que envolvem o espaço urbano, os ambientes de vida na cidade e as problemáticas ali vivenciadas.

Por exemplo, a desigualdade social, cujo combate é um eixo central nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda da ONU para 2030, se revelava nos grupos urbanos de jovens de periferia que buscavam por meio da arte do *graffiti* expandir seus territórios sociais para regiões da cidade às quais geralmente não lhes eram acessíveis. A desigualdade de acesso à cidade se revela nos espaços habitados pela juventude de periferia que adota o *graffiti* como linguagem artística, mas também política, e que transgridam esse território ao instalarem um mural com arte urbana em um bairro ou zona geralmente habitada pelas elites locais.

Ver o *graffiti* como manifestação que reivindica o acesso a cidade e que, portanto, dilui - ainda que no plano visual - as desigualdades, permite reposicionar a questão da arte urbana para além da mera dimensão técnica.

Minhas práticas que antes abordavam apenas as cores, a figura-fundo, a profundidade, e outros conceitos do campo das artes, agora passavam a incluir uma abordagem que pensa o ambiente da cidade e suas contradições.

Essa transformação precisa ser pontuada e refletida pois amplia a abordagem do *graffiti*, para além das questões técnicas das artes visuais, para abarcar a dimensão

ambiental da arte urbana, refletindo sobre as cidades contemporâneas e valorizando seus ambientes pelos educandos.

A metodologia para trabalhar arte urbana em sala de aula passou a incluir a proposta didática de caminhadas pela cidade, buscando a apreciação/leitura de obras de *graffiti*, para conhecer artistas que fazem parte da cena do *graffiti* em Paranaguá, e entender o lugar social desses sujeitos.

Entrevistas e pesquisa de projetos que envolvem a arte urbana passam a interessar. Os educandos não apenas discutem a forma, a figura, as cores, mas passam a discutir a cidade.

Que ambientes integram essa cidade? Como a arte do *graffiti* pode colaborar para uma outra consciência ambiental? Quais as obras de jovens de periferia e que problemas elas apontam?

Além dos estudos das artes visuais, a abordagem nas práticas docentes da artista educadora agora também abarca a educação ambiental.

A efetivação desse processo provoca um estímulo considerável nos educandos, consequência de toda arte de intervenção urbana, proporcionando um novo olhar que inclui a ideia de intervenção no espaço. A cidade passa a ser uma questão de interesse.

Passa a ser relevante conhecer os territórios de vida dos educandos. Seus territórios existenciais e como eles os percebem. Através de atividades que incluem o relato autobiográfico de seus locais de vida, os educandos são provocados a refletir sobre seus ambientes através de atividades artísticas.

Ao entender que todos que fazem parte do contexto escolar, os educandos serão envolvidos com significativa revolução de conceitos e tornando-se protagonistas de suas próprias percepções socioambientais e incorporando práticas mais sustentáveis.

A partir de minhas práticas em sala de aula, envolvendo técnicas da arte urbana, no percurso dessa pesquisa fiz um esforço para articular a perspectiva de arte educadora com a perspectiva de educadora arte ambiental – ampliando a abordagem para abraçar questões ambientais e sociais.

A estratégia de pesquisa buscou articular minha experiência com obras de arte urbana – *graffiti* – reunidas na cidade de Paranaguá através do fomento propiciado pelo projeto Paranaguá Mais Cores, o qual difundiu artistas e obras de *graffiti* na

cidade, possibilitando agregar um novo olhar para minha prática até então aplicada junto aos alunos.

Além de fazer um exercício de pensar a arte urbana numa perspectiva socioambiental, a pesquisa também ampliou meu repertório técnico, na medida em que entrei em contato com as técnicas usadas pelos grafiteiros e grafiteiras em Paranaguá. A técnica do *stencil art graffiti* possibilitou adquirir novos conhecimentos ao relacionar as técnicas aplicadas pelos artistas desse projeto. Além disso, pude conhecer a trajetória de vida de alguns artistas pontuais, entre eles o artista Tomaz que, além de artista grafiteiro é graduado em Licenciatura em Arte na UFPR Litoral, Matinhos-PR.

As entrevistas com Tomaz me possibilitaram compreender melhor a questão da representação no universo do *graffiti*, contextualizando a obra de arte com a história da realidade do local onde o artista vive e faz seus painéis. O estudo do projeto Paranaguá Mais Cores possibilitou perceber a retratação da fauna, da flora e da realidade caiçara nos muros da cidade de Paranaguá, no litoral do Paraná, enriquecendo consideravelmente a minha prática educativa.

Atualmente, faço uma reflexão de minhas práticas em sala de aula em ocasiões anteriores, e reconheço que aprendi com esses artistas, de forma exemplar, a valorização desses espaços, com seus territórios, onde essa coletividade faz as representações no litoral do Paraná, pontualmente nas cidades de Paranaguá e Matinhos, incorporando novos valores.

Acrescento que essa pesquisa aborda uma dimensão ambiental do *graffiti* possibilitando outros cruzamentos, fazendo com que eu, enquanto pesquisadora, possa experimentar, por exemplo, uma abordagem que dialogue com as ODS – Objetivos do Desenvolvimento Sustentável – além de outros cruzamentos exploratórios, com outras dimensões da questão ambiental no debate contemporâneo.

Os murais elaborados pelos artistas reunidos no projeto Paranaguá Mais Cores criam interesse, reflexão e entusiasmo junto aos moradores de Paranaguá, fomentando a reflexão sobre questões políticas, ambientais, de gênero, culturais, que possibilitam refletir sobre mudanças necessárias em benefício de um mundo mais sustentável. Nesse sentido, a arte numa perspectiva ambiental, pode ser um caminho para avançarmos nas estratégias educativas de abordagem dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável estabelecidos pela ONU – Organização das Nações Unidas na escola.

No seu trajeto para a escola, para o trabalho, nas ruas da cidade, o público se depara com obras diversas que retratam a cultura parnanguara com artistas locais renomados como Waltel Branco e Cyro Matoso, além de elementos relacionados a cultura caiçara, refletindo sobre questões sociais, ambientais e políticas.

As bases teóricas e práticas de pesquisa de mestrado incluíram, paralelamente, a localização das obras do projeto Paranaguá Mais Cores, mostrando imagens de alguns trabalhos artísticos que fazem parte desse projeto, fazendo com que os alunos estejam de alguma forma ligados aos conceitos previamente apresentados nesse contexto, correlacionando com a cidade, a rua, o bairro, o espaço público, através das narrativas de vida que ligam a vida desses alunos com o meio ambiente e com a produção de mapas mentais.

Enquanto educadora artista pesquisadora surge o desafio de refletir sobre as práticas de ensino para desenvolver questões ambientais contemporâneas e, diante da dimensão ambiental da Arte Urbana do *graffiti*, que é efêmera, porém, expressa coletivos e grupos sociais trazendo crítica social cujas trocas de experiências entre grafiteiros, a população que participa dessa arte pública e alunos, comprovando a sua importância como ferramenta social, como diz Tomaz Martins da Silva (2021).

A continuidade dessa pesquisa prevê uma Roda de Conversa com participação dos alunos, minha orientadora e o artista convidado Tomaz Martins da Silva. Além disso prevemos uma atividade prática de caminhada etnográfica na cidade para reconhecimento de obras e artistas. Esta atividade será elaborada no formato de uma Unidade Didática com dois Planos de Aulas articulando arte e questões ambientais na abordagem do *graffiti*.

No decorrer de todo o processo na elaboração dessa dissertação, pude perceber a importância dos festivais de artes com a consequente formação de públicos, pressupondo, de alguma forma, os resultados da relação que se constrói através desses festivais e a sua cidade, visto que o festival é um evento que congrega tantas pessoas, teorias, ideias, práticas, sendo considerado um espaço privilegiado na sociedade, eclodindo um papel mais evidente na propagação das produções culturais, criação e o compartilhamento de conhecimento, concentração social, reflexão e, particularmente, para educação.

Considerando minha trajetória profissional como um trabalho sedimentado, consolidado, existe a possibilidade de colaboração às minhas práticas em sala de aula, trabalhar com cruzamento em que os *graffitis* sejam localizados no mapa da

cidade, com suas respectivas dimensões, autoria individual, coletiva, registrando esses *grafittis* e, ao longo do tempo, também seja cruzado com o que fiz parcialmente, com a biografia de alguns desses artistas, pois considero fundamental que os estudantes conheçam esses artistas de rua, para que possam se inspirar neles.

A arte pode revelar a história de um lugar. Dessa forma, ao criar arte, as memórias desse espaço podem ser exteriorizadas pelos artistas e ficar registradas. À vista disso, este trabalho possibilitou refletir sobre a dimensão territorial da arte urbana, a partir do desdobramento da pesquisa em produto cartográfico.

Esta abordagem foi possível a partir da parceria com o mestre no ensino de ciências ambientais, geógrafo e professor Alexandro Ramos, que colaborou na confecção do mapa dos Itinerários de Arte Urbana na cidade de Paranaguá.

É certo que esta pesquisa é marcada pelos impactos da pandemia de COVID-19 e que a transposição das aulas do ambiente remoto criou dificuldades. A intenção inicial era fazer as atividades práticas, no entanto, ficou dificultada. Na medida do possível será feita e, caso não seja concretizada, ficará um Plano de Aula de uma Unidade Didática com a possibilidade de contemplar algum professor que venha a se interessar (anexo I).

Ao final dessa pesquisa, ao reconhecer que a arte urbana é feita de uma permanente renovação das agendas de luta de artistas e coletivos para afirmar sua arte nos espaços públicos da cidade, foi possível reconhecer os cruzamentos das agendas de luta da arte urbana com as agendas de luta da educação pública.

No decorrer dessa pesquisa, especialmente na parte final da redação da dissertação, minha docência se viu atravessada pela agenda de luta pela manutenção da disciplina de Arte no currículo da Educação Básica no estado do Paraná.

No âmbito do ensino de arte na escola, o tema da obrigatoriedade curricular da disciplina é recorrente e impacta decisivamente tanto a agenda de formação de arte educadores, licenciados em arte, como afeta o próprio campo de trabalho da arte educação na educação básica. Não é possível concluir uma dissertação sem abordar, ainda que minimamente, essa temática, refletindo sobre práticas de arte na escola e sobre minha formação como artista pesquisadora.

A arte urbana e a educação pública são agendas de luta. Durante a escrita deste trabalho houve a proposta de retirada da disciplina de Arte do currículo dos 8ºs e 9ºs anos do Ensino Fundamental II da Rede Pública de Educação Básica, em todas as escolas estaduais no Paraná. Essa proposição fere os dispositivos que

integram a

Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), entre outros, os quais ressaltam a importância do componente obrigatório, Arte, em todas as etapas de formação do estudante.

Amparado nesses dispositivos, um conjunto de atores sociais se posicionou na luta contra a determinação governamental de restringir o ensino de arte nas escolas do estado do Paraná.

O movimento em prol da educação e da arte na escola atravessou todo o período de escrita dessa dissertação, intensificando-se entre dezembro de 2022 e janeiro de 2023.

Na cidade de Paranaguá, houve uma mobilização em conjunto com a Associação do Professorado de Arte do Paraná (APROAP), Federação de Arte-Educadores do Brasil (FAEB), Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Paraná (APP), UFPR Litoral Matinhos-PR., docentes, servidores e sociedade civil, da qual participei.

Como resultado, foi impetrada ação junto ao Ministério Público do Paraná, com a pauta de manutenção das aulas de Arte dos 8º e 9º anos do Ensino Fundamental II da Rede Pública de Educação Básica.

Refletindo sobre o percurso dessa dissertação e sobre as questões ambientais e políticas que atravessam o ensino de arte urbana na escola, é importante reconhecer como ambas as problemáticas se entrelaçam: a luta pela continuidade da arte urbana nas cidades e a luta pela continuidade da arte na escola.

Nesse contexto escolar onde, simultaneamente, estudamos os artistas urbanos lutando por espaços para a sua arte nas cidades, reconhecemos que suas agendas de cidadania se aproximam das agendas de luta pela manutenção do componente curricular de Arte na educação básica.

Cada vez mais se faz necessária a luta diária para a manutenção deste direito à educação, aproximando as lutas pela liberdade de expressão artística nas cidades e a luta pela arte e ciência como disciplina curricular normativamente obrigatória.

Figura 44: registro fotográfico do encontro #FicaArtePR



Fonte: https://mobile.facebook.com/story.php?story_fbid=pfbid037qprE3p75sAtvE1LcxdBwKCiStgxx5oIYsoggnZvZADkdhGZVUXJGULgQYBxKWPDl&id=100046407105270&sfnsn=wiwspwa&mibextid=VhDh1V&_rdc=1&_rdr

REFERÊNCIAS

- ARGAN, Giulio Carlo. **Arte moderna: do iluminismo aos movimentos contemporâneos**. Tradução Denise Bottmann, Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos**. –7. ed. rev. – São Paulo, Perspectiva, 2009, p.39.
- BISHOP, Claire. **A virada social: colaboração e seus desgostos**. In: Revista Concinnitas. Ano 9, volume 1, número 12, julho 2008.
- BRISSAC, Nelson. Arte Cidade: um balanço. **ARS**, ARS (São Paulo) 4 (7) • 2006
- CASTLEMAN, Craig. **Getting Up - subway graffiti in New York**. Massachusetts: MIT Press, 1982.
- CORREIA, Louine Henrieth de Moura. **A obra de arte como fonte para uma interpretação histórica: um estudo das obras de Juan Manuel Blanes**. Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Artes. Matinhos: UFPR, 2016.
- COUQUELIN, Anne. **Arte contemporânea: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- DEWEY, J. Ter uma experiência. In: DEWEY, J. **Arte como Experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico**. Tradução Marina Appen-Zeller. 10ª edição, São Paulo: Papirus, 2007.
- FOSTER, Hal. **O Artista como etnógrafo**. In: O Retorno do Real. São Paulo: Ubu Editora, 2017
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 48ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25 ed. São Paulo. Paz e Terra, 1996.
- FREITAS, Ana Elisa de Castro. Arte Vida: itinerários de arte indígena nas cidades contemporâneas. **INTERSEÇÕES** [Rio de Janeiro] v. 22 n. 3, p.492-522, dez. 2020. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intersecoes/article/download/56793/36615>
- _____. Traço, pulso primordial: imagens em movimento entre cavernas e galerias. **Revista Iluminuras**. v. 19 n. 46 (2018): Imagem e Descolonização: imaginários plurais em movimento - Parte II (organização Ana Elisa de Castro Freitas) <http://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/issue/view/3532>
- HOLZ, Daiana. **Coisas Frágeis. Sensibilidade e práticas de arte educação ambiental no adolecer**. Dissertação de Mestrado. Matinhos: UFPR, PROFCIAMB, 2020.
- JESÚS, Diego de. **La estética del graffiti en la sociodinámica del espacio urbano**. Universidad de Zaragoza, Departamento de Historia del arte, Zaragoza. 1997.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para Adiar o Fim do Mundo**. Companhia das Letras. São Paulo, 2019.

LAEMMERMANN, K. **Graffiti and street art**. North Charleston: Create Space Independent Publishing Platform. 2012.

LAYRARGUES, Philippe Pompier. **Identidades da Educação Ambiental Brasileira**. Ministério do Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental – Brasília, 2004. Disponível em: <http://www.terrabrasilis.org.br/ecotecadigital/index.php/estantes/educacao-ambiental/797-identidades-da-educacao-ambiental-brasileira> Acesso em: 07/10/2019

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2004. (Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/EdgarMorin.pdf>)

O'DOHERTY, Brian. **O olho e o espectador**. In: No interior do cubo branco. São Paulo: Martins Fontes, 2003

ONU. Agenda 2030 – **Objetivos do Desenvolvimento Sustentável**. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>

PARANAGUÁ. Projeto Paranaguá Mais Cores. 2019. - Disponível em <https://www.facebook.com/pguamaiscores>

PORTO-GONÇALVES, Carlos W. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. Editora Contexto. 15 ed. Brasil, 1989.

_____. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. Civilização Brasileira; 7ª edição, 6 abril 2006.

RODRIGUES, Manoela dos Anjos. Autobiogeografia como metodologia decolonial, In **Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 26o, 2017, Campinas. Anais do 26o Encontro da Anpap**. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017. p.3148-3163.

_____. Página da Autora. <https://autobiogeography.org/>

SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão**. 7ª edição. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.

SANTOS, Nicolli Bremer dos. **Muralismo Chileno como inspiração política e poética: um olhar a partir da experiência de mulheres em coletivos artísticos**. Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Artes. Matinhos: UFPR Litoral, 2023.

SILVA, Amanda Alice Scremin da. **Ocupa Rap**. Trabalho de Conclusão de Curso. UFPR. Matinhos Litoral PR., 2019.

SILVA, Dávila. Lambe-Lambe de peça publicitária a elemento de arte urbana – Uma análise a partir do desejo de passado. 2016, p1. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2016/expocom/EX52-1404-1.pdf>>

SILVA, Tomaz Martins da. **Relato de experiência: Arte Urbana como ferramenta proporcionadora de vivências compartilhadas**. Trabalho de Conclusão de Curso. UFPR. Matinhos Litoral PR., 2021

SILVA E SILVA, William da. [Syn]thesis. Cadernos do Centro de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. vol. 7, 2014. p. 217-229

SMITHSON, Robert. **Uma sedimentação da mente: projetos de terra**. In: FERREIRA, Glória; COTRIM, Cecília (orgs.). Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor, 2006

SITES DE ACESSO:

<https://www.museudatv.com.br/biografia/waltel-branco/>

http://www.embap.pr.gov.br/arquivos/File/Forum/Anais_VIII/005_Anne_Marie_Sampaio.pdf

https://www.ebiografia.com/romero_britto/

<https://www.vivadecora.com.br/pro/arte-urbana/>

ANEXO I

UNIDADE DIDÁTICA: ARTES VISUAIS

TEMA: Arte Urbana – *Graffiti*

PÚBLICO-ALVO – Estudantes do ensino fundamental II de escolas públicas municipais e estaduais da cidade de Paranaguá, Paraná.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

DURAÇÃO: 5 aulas com a duração de 50 minutos cada uma.

AULA I

TÍTULO: Obras de *Graffiti* na Cidade de Paranaguá - O Projeto Paranaguá mais cores.

FONTE DE PESQUISA PARA A PROFESSORA:

CORREIA, Louine Henrieth de Moura. **A obra de arte como fonte para uma interpretação histórica: um estudo das obras de Juan Manuel Blanes.** Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Artes. Matinhos: UFPR, 2016.

NASCIMENTO, Leila dos Santos Hassan. **A arte urbana na escola: o graffiti no ensino de arte em uma perspectiva socioambiental.** Dissertação de Mestrado. Matinhos: PROFCIAMB/UFPR, 2023.

PARANAGUÁ. Projeto Paranaguá Mais Cores. 2019. - Disponível em: <https://www.facebook.com/pguamaiscores>

LOCAL: Sala de Aula

DURAÇÃO: 50 min.

DINÂMICA:

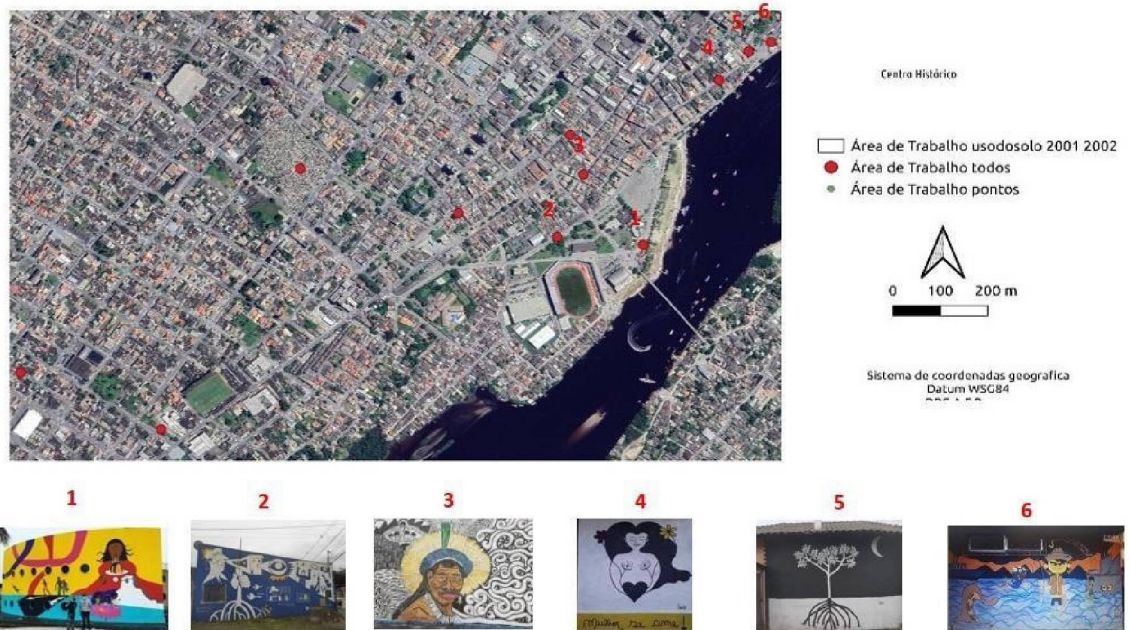
Momento 1 (25min): Inicialmente, os estudantes são organizados em 5 grupos de 4 ou 5 alunos. A seguir, a professora projeta *slides* com 11 obras de *graffiti* selecionadas do projeto Paranaguá Mais Cores, explanando sobre o projeto e artistas que participaram da criação de obras de arte urbana – *graffiti* – na cidade de Paranaguá, Paraná.

Cada grupo deverá escolher uma obra da exposição e dialogar sobre ela. A professora entrega aos grupos pranchas coloridas tamanho A4 com a obra escolhida.

O trabalho dos grupos é dinamizado a partir de perguntas geradoras conduzidas pela professora e entregues aos grupos em uma folha de papel A4:

O que vemos nessa imagem? O que parece estar acontecendo? Será que o artista/a artista pretendeu transmitir uma mensagem ou informação através da arte? Caso positivo, que mensagem é essa? (análise iconológica, CORREIA, 2016)

Momento 2 (25min): A professora situa as obras estudadas em um *slide* contendo uma cartografia do Centro Histórico de Paranaguá, revelando o itinerário de localização das obras na cidade. (Cartografia disponível em NASCIMENTO, 2023)



Obra I – Autor Giovanni Negromonte – Título: Paranaguá: a história como ingrediente – Local: Aquário de Paranaguá - Rua da Praia – Centro Histórico



Obra II – Autor Bruno Romã – Título Cyro Matoso – Local: Rua João Estevão - Ponta do Caju.



Obra III – Autor Emerson Alberto Ramos – Título: Raoni na luta e resistência pela preservação – Local: Rua Faria Sobrinho – Centro Histórico.



Obra IV – Autora Laís Araújo Leite – Título: Mulher se ame! – Local: Rua XV de Novembro – Centro Histórico.



Obra V – Autor Laís Araújo Leite – Título: Arte Mangue – Local: Rua Benjamin Constant – Centro Histórico.



Obra VI – Autor Felipe Costa - Meduzo – Título: Progresso? – Local: Rua Benjamin Constant – Centro Histórico.

Em grande grupo, a atividade é finalizada em uma roda de conversa com toda a turma, a partir dos seguintes questionamentos:

Na opinião de vocês, qual a relação entre as obras estudadas e os problemas enfrentado pela cidade de Paranaguá? Vocês consideram que essas obras colaboram para que a sociedade reflita ou identifique esses problemas? Como poderemos, enquanto estudantes, professores e artistas, colaborar nesse debate por uma cidade melhor? Essas questões revelam uma relação interessante entre arte e cidadania, o que vocês pensam disso?

AULA II

TÍTULO: Obras de *Graffiti* na Cidade de Paranaguá - Uma abordagem ambiental

FONTE DE PESQUISA PARA A PROFESSORA:

KRENAK, Ailton. **Ideias para Adiar o Fim do Mundo**. Companhia das Letras. São Paulo, 2019.

ONU. Agenda 2030 – **Objetivos do Desenvolvimento Sustentável**, Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>

PORTO-GONÇALVES, Carlos W. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. Editora Contexto. 15 ed. Brasil, 1989.

LOCAL: Sala de Aula

DURAÇÃO: 50 min.

DINÂMICA:

Momento 1 (30min): A turma se organiza novamente nos mesmos grupos da aula anterior. A professora entrega novamente as pranchas com as imagens das obras aos respectivos grupos. A seguir, propõe que os estudantes retomem a interpretação das obras e solicita que cada grupo registre por escrito uma narrativa sobre a obra escolhida relacionando essa obra com as questões ambientais e sociais discutidas na aula anterior.

Momento 2 (20min): A professora projeta novamente os *slides* das 6 obras selecionadas pelos grupos e a turma compartilha suas interpretações. A professora introduz uma análise ambiental problematizando o conteúdo das obras e relacionando esse conteúdo com questões ambientais urbanas da cidade de Paranaguá, do litoral do Paraná e do mundo contemporâneo.

Os temas das obras de *graffiti* favorecem a discussão sobre questões socioambientais relacionadas aos problemas ligados às relações humano e natureza. Numa perspectiva analítico-crítica os impactos ambientais das ações provocadas pelo crescimento desenfreado da sociedade urbano industrial capitalista são correlacionados à exploração exaustiva os recursos naturais, desigualdade social, pobreza e poluição. A professora projeta os 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas.



AULA III

TÍTULO: Obras de *Graffiti* na Cidade de Paranaguá - Uma abordagem sociocultural e territorial

FONTE DE PESQUISA PARA A PROFESSORA:

DIEGUES, Antônio Carlos. **Enciclopédia Caiçara**. São Paulo: USP/NUPAUB. Recurso Digital Disponível em: <http://livroaberto.ibict.br/handle/1/750>

LOCAL: Sala de Aula

DURAÇÃO: 50 min.

DINÂMICA:

Momento 1 (30min): A professora retoma a atividade com o *slide* da cartografia que localiza as obras de *graffiti* no território urbano de Paranaguá.

A partir do estudo da aula anterior, correlacionando os ODS/2030 com os problemas socioambientais expressos nas obras de *graffiti*, a professora propõe a continuidade do diálogo em roda de conversa, introduzindo a problemática dos territórios e culturas do litoral paranaense e como as questões culturais e territoriais aparecem nas obras analisadas. Ressalta a importância da arte urbana como meio de expressão artística dos grupos sociais e sua contribuição para a visibilidade e reconhecimento dos problemas da realidade urbana e da diversidade de indivíduos e de grupos sociais.

Em segundo nível, a professora correlaciona a arte urbana com outras manifestações artísticas. No estudo em questão, podemos relacionar as obras de arte urbana com a cultura caiçara de Paranaguá, com toda a sua riqueza, inclusive, contemplando a fauna, a flora e o conjunto de manifestações artísticas-culturais desenvolvidas pelo povo parnanguara, podendo ser observadas no artesanato, nos costumes, nos hábitos, na culinária, na religiosidade, no folclore, nas diferentes maneiras de expressão dessa cidade.

O levantamento dessas questões visa a sensibilizar os estudantes para os temas apresentados nos *graffitis* e murais e instigar os repertórios e as vivências deles, aproximando-os da questão norteadora e das reflexões que ela desperta.

Momento 2 (30min): A segunda parte da aula é dedicada ao planejamento de uma saída de campo – caminhada através do itinerário da arte urbana em Paranaguá. A

partir da cartografia estudada, a turma e professora combina a atividade da aula seguinte: uma caminhada e registro fotográfico das obras estudadas em uma caminhada no centro histórico seguindo o itinerário estudado.

AULA IV

TÍTULO: Obras de *Graffiti* na Cidade de Paranaguá - Saída de Campo

FONTE DE PESQUISA PARA A PROFESSORA:

Cartografia - disponível em: NASCIMENTO, Leila dos Santos Hassan. **A arte urbana na escola: o *graffiti* no ensino de arte em uma perspectiva socioambiental.** Dissertação de Mestrado. Matinhos: PROFCIAMB/UFPR, 2023.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.

LOCAL: Centro Histórico de Paranaguá

DURAÇÃO: 50 min.

DINÂMICA:

A professora e os estudantes se deslocam a pé até o Aquário de Paranaguá, na Rua João Régis, que se modifica com o nome Rua da Praia, no Centro Histórico de Paranaguá-PR., onde se localiza a Obra I - "Paranaguá: a história como ingrediente" - de autoria do artista Giovanni Negromonte.

A turma se detém na obra, analisando-a na escala real. A professora destaca a obra propondo que os estudantes observem agora o seu contexto e o seu entorno, ressaltando a função da arte urbana na produção de memórias pessoais e memórias de lugar.

Enfatiza as relações entre arte e paisagem e destaca a importância da arte urbana para difundir o pensamento e a criatividade dos artistas. Fala da importância do projeto Paranaguá Mais Cores que possibilitou que estas obras fossem realizadas. Então, articula a importância das políticas públicas culturais para a difusão e valorização da arte urbana.

O grupo segue o itinerário da cartografia através do Centro Histórico, onde se localizam outras 5 obras realizadas pelo projeto Paranaguá Mais Cores. A Obra II - "Cyro Matoso" - localizada na Rua João Estevão, na Ponta do Caju, nas proximidades do Centro Histórico, de autoria de Bruno Romã, retratando e homenageando o artista cineasta autodidata de Paranaguá Sr. Cyro Matoso, conhecido pela sua forma peculiar de produzir filmes com poucos recursos, na década de 1970, retratando as histórias e lendas da cidade, valorizando sempre a cultura caiçara.

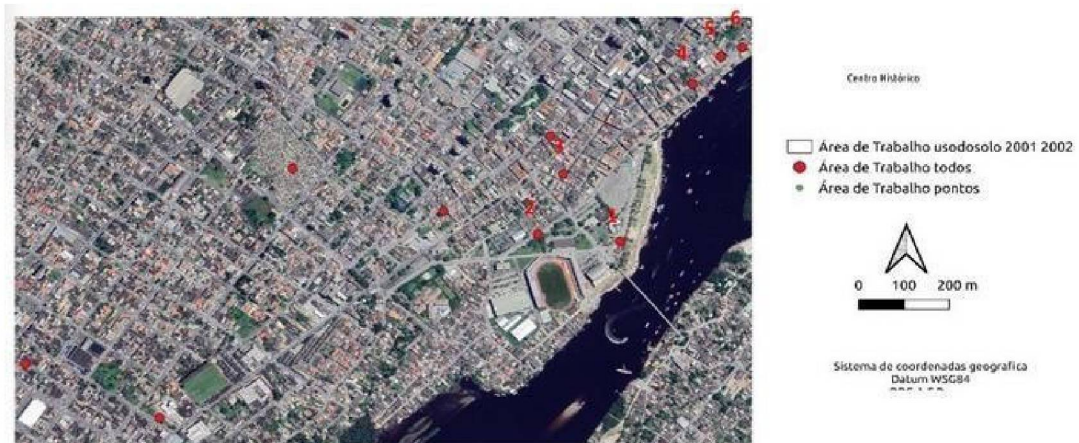
Segue-se para a Obra III, intitulada "Raoni na luta e resistência pela preservação", localizada na Rua Faria Sobrinho, também no Centro Histórico, de criação do artista Emerson Alberto Ramos, conhecido por "Emer", representando o líder indígena brasileiro Raoni Metuktire, da etnia Caiapó, conhecido internacionalmente por sua luta pela preservação da Amazônia e dos povos indígenas, e tem como pano de fundo uma crítica ao desmatamento desenfreado, o crescimento das grandes metrópoles e das favelas, provenientes das desigualdades sociais bem como o crescimento desordenado das empresas que poluem o meio ambiente, trazendo prejuízos com impactos ambientais, nos distanciando da nossa cultura e memória indígena.

A Obra IV, com o nome "Mulher se ame!", situada na Rua XV de Novembro, no Centro Histórico, retratada pela artista Laís Araújo Leite, representa uma figura feminina. A artista inspirou-se em todas as mulheres, permitindo múltiplas interpretações relacionadas a imagem do coração no ventre e a ligação das linhas que levam conexão aos seios. A mesma artista, Laís, retratou a Obra V, com o nome "Arte Mangue", localizada na Rua Benjamin Constant, esquina com Princesa Izabel, no Centro Histórico, reproduzindo os manguezais, a restinga, que são essências do povo caiçara e que sem eles muita coisa deixaria de existir.

E, por último, a Obra VI, criada pelo artista Felipe Costa, conhecido por Meduzo, recebeu o nome "Progresso?", também localizada no Centro Histórico, na Rua Princesa Izabel, representando a expansão do Porto de Paranaguá com seus problemas e efeitos biológicos. Nessa obra pode-se visualizar a poluição sendo derramada e o ecossistema sofrendo alterações, prejudicando a forma de sustento dos pescadores e população em geral e, conseqüentemente, resultando em mudanças nos seus aspectos físicos e mentais.

Por se tratar de uma arte efêmera, houve uma nova intervenção no local/superfície, entretanto, ficou registrada em fotografias. Essa obra faz críticas ao que vem acontecendo na baía retratando o processo de poluição ocasionados a partir do aumento dos serviços portuários.

Em cada uma delas a turma se detém para a análise da obra, seu contexto e problematização. Ao final, o grupo retorna à escola e encerra-se a atividade. A professora destaca que a cartografia possibilita que os estudantes visitem, em outro momento, as outras 5 obras cartografadas no mapa.



AULA V

TÍTULO: Obras de *Graffiti* na Cidade de Paranaguá - Exposição Coletiva

LOCAL: Local de passagem na escola

DURAÇÃO: 50 min.

DINÂMICA:

A professora e estudantes organizam um varal com a exposição das reproduções das obras de *graffiti* e os textos produzidos pelos grupos. A turma escolhe um local de acesso, passagem, dentro da escola, para a mostra da pesquisa. A turma produz os materiais expositivos e dialoga com visitantes sobre a pesquisa realizada.

Para concluir essa unidade reflete-se com os estudantes sobre o papel da arte urbana que, através de obras e espaços, ganham vida e revelam um mundo transformador reafirmando as identidades.